

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNA ELISA JARDANOVSKY
FERNANDA TIEME IWAYA

**DIÁLOGOS COM ALEPPO:
UM LIVRO-REPORTAGEM EM FORMATO *E-BOOK* SOBRE CINCO
REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIVEM EM CURITIBA**

CURITIBA
2017

ANNA ELISA JARDANOVSY
FERNANDA TIEME IWAYA

**DIÁLOGOS COM ALEPPO:
UM LIVRO-REPORTAGEM EM FORMATO *E-BOOK* SOBRE CINCO
REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIVEM EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Maia

CURITIBA
2017

ANNA ELISA JARDANOVSKY

FERNANDA TIEME IWAYA

**DIÁLOGOS COM ALEPPO:
UM LIVRO-REPORTAGEM EM FORMATO *E-BOOK* SOBRE CINCO
REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIVEM EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela seguinte banca examinadora:

Professor Doutor Luiz Paulo Maia

Orientador – Setor de Artes, Comunicação e Design, UFPR

Professor Doutor José Carlos Fernandes

Jornalista e professor de graduação – Setor de Artes, Comunicação e Design, UFPR

Curitiba, 29 de junho de 2017

A todos aqueles atingidos pela guerra.

AGRADECIMENTOS

Nossos profundos e mais sinceros agradecimentos vão para Samaan, Myria, Lucia, Maher e Karim, que tiveram a sensibilidade de nos receber e compartilhar com duas estranhas suas histórias de vida e superação, sempre com carinho e muita atenção, a fim de que nosso projeto pudesse ser realizado da melhor forma possível. E a todos aqueles que nos ajudaram a chegar até essas incríveis pessoas.

Agradecemos também ao nosso orientador, Luiz Paulo Maia, por aceitar nossa ideia e sempre nos incentivar mesmo em meio a tantas mudanças e indecisões. Obrigada pela paciência e disposição.

Aos nossos pais Luciane Pellegrini e Ricardo Iwaya, Simão (*in memoriam*) e Cristina Jardimovsky, por nos apoiarem todos os dias e sempre estarem ao nosso lado quando precisamos, e quando achamos que não precisávamos também. Obrigada por aceitarem nossas escolhas e nossas dúvidas, nossas conquistas são de vocês e para vocês.

À Gabriele Maniezo, nossa colega de curso e de vida, por todo o suporte durante esses anos de faculdade. Obrigada pela amizade, pela força, pelos palpites, por ter experienciado tudo ao nosso lado sempre pronta para ajudar e também ter colocado a mão na massa para que nosso livro ficasse com ainda mais amor.

Também à Bianca Falcão, que nos ajudou lindamente a tirar as ideias do papel e também a construir um livro incrível, com muita paciência e dedicação.

Ainda, ao Rafael Alves, pelas palavras de motivação quando desistir parecia a melhor opção, pelo apoio em cada decisão e os puxões de orelha.

*Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.*

Bertold Brecht

RESUMO

O presente documento monográfico discorre sobre o contexto e as bases teóricas para o desenvolvimento de um livro-reportagem sobre refugiados sírios que vivem em Curitiba. Em março de 2011, as manifestações conhecidas por Primavera Árabe tomaram conta das ruas da Síria, e confrontando o presidente Bashar al-Assad, os opositores logo entraram em conflito armado com o Exército Sírio. Foi o começo de uma guerra que, quase seis anos depois, ainda persiste e resiste. Esta guerra, tratada como “civil”, tomou proporções muito maiores quando novos protagonistas entraram em cena, principalmente o grupo radical Estado Islâmico. Em 2012, a segunda maior cidade do país, Aleppo, entrou também para as estatísticas. O cenário é de destruição, e a paz e segurança dos cidadãos sírios foram colocadas em jogo, forçando milhares de pessoas a deixarem seu lar em busca de refúgio. O Brasil se tornou um desses destinos. O Trabalho de Conclusão de Curso “Diálogos com Aleppo, um livro-reportagem em formato *e-book* sobre os refugiados sírios que vivem em Curitiba”, anseia aproximar a comunidade como um todo das histórias de superação dos refugiados de uma Guerra Civil que ainda não parece estar próxima de acabar. Através do olhar de cinco personagens que vieram da cidade de Aleppo e que hoje vivem na capital paranaense, podemos descobrir como é chegar em um país completamente diferente de sua terra natal, sem conhecer ninguém e sem saber falar o português. O livro pretende quebrar pré-conceitos, abrir portas para a empatia e mostrar histórias que muitas vezes passam despercebidas.

Palavras-chave: Livro. E-book. Jornalismo literário. Jornalismo de personagem. Síria. Guerra Civil. Refugiados.

ABSTRACT

This monographic document talks about the context and the theoretical bases for the development of a non-fiction novel about Syrian refugees living in Curitiba. In March 2011, the protests known as the Arab Spring took over the streets of Syria, and confronting President Bashar al-Assad, opponents soon entered into armed conflict with the Syrian Army. It was the beginning of a war that, almost six years later, still persists and resists. This war, treated as "civil", took on much larger proportions when new protagonists entered the scene, especially the radical Islamist group. In 2012, the country's second largest city, Aleppo, also entered the statistics. The scenario is of destruction, and the peace and security of Syrian citizens were put into risk, forcing thousands to leave their homes in search of refuge. Brazil has become one of those destinations. Diálogos com Aleppo, an e-book about Syrian refugees living in Curitiba, aims to bring the community closer to stories of overcoming refugees from a Civil War, that still does not seem to be close to an ending. Through the eyes of five characters who came from the city of Aleppo and who now live in the capital of Parana, we can find out what it is like to arrive in a country completely different from their native land, without knowing anyone and not being able to speak Portuguese. The book aims to break preconceptions, open doors to empathy and show stories that often go unnoticed.

Key-words: *Book. E-book. Literary journalism. Character journalism. Syria. Aleppo. Civil war. Syrian refugees.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - HAFEZ AL-ASSAD EM NOVEMBRO DE 1970.....	13
Figura 2 - CAPA DE DEZEMBRO DE 1983 DA REVISTA TIME.....	15
Figura 3 - PÔSTER DO PRESIDENTE BASHAR AL-ASSAD	17
Figura 4 - MAPA DOS ATAQUES QUÍMICOS NA SÍRIA EM 2013.....	21
Figura 5 - CONTROLE DO TERRITÓRIO SÍRIO.....	26
Figura 6 - “MÉXICO REBELDE”, DE JOHN REED.....	41
Figura 7 - "DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO", DE JOHN REED.....	41
Figura 8 - “HIROSHIMA”, DE JOHN HERSEY.....	42
Figura 9 - “OS SERTÕES”, DE EUCLIDES DA CUNHA.....	42
Figura 10 - “O INVERNO DA GUERRA”, DE JOEL SILVEIRA.....	43
Figura 11 - “A SANGUE FRIO”, DE TRUMAN CAPOTE.....	51
Figura 12 - PORTAL DO PROJETO GUTENBERG.....	53
Figura 13 - “RIDING THE BULLET”, DE STEPHEN KING.....	54
Figura 14 - MODELO KINDLE VOYAGE DA AMAZON.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - REFUGIADOS NO BRASIL, 2014.....	32
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACNUR	- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ASAV	- Associação Antônio Vieira
CARL	- Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro
CASP	- Caritas Arquidiocesana de São Paulo
CDDH	- Centro de Defesa dos Direitos Humanos
CNS	- Conselho Nacional Sírio
CONARE	- Comitê Nacional para os Refugiados
EI	- Estado Islâmico
ELS	- Exército Livre da Síria
FPLP-CG	- Frente Popular para a Libertação da Palestina – Comando Geral
HNC	- Alto Comitê das Negociações
IMDH	- Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH)
ONU	- Organização das Nações Unidas
OPCW	- Organisation for the Prohibition of Chemical Weapons
SSNP	- Partido Social Nacionalista Sírio
YPG	- Unidades de Proteção Popular Curdas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 HISTÓRIA E CONTEXTO DA GUERRA CIVIL NA SÍRIA.....	13
2.1 A GUERRA CIVIL SÍRIA.....	17
2.2 ATORES DA GUERRA.....	21
2.2.1 Grupos sírios.....	22
2.2.2 Aliados regionais.....	22
2.2.3 Aliados internacionais.....	23
2.2.4 Apoio das minorias da Síria.....	23
2.2.5 Grupos insurgentes.....	24
2.2.6 Coalização contra o EI.....	25
2.2.7 Oposição ao regime sírio.....	25
2.3 O PAPEL DA IMPRENSA NA COBERTURA DE GUERRA.....	26
2.4 REFUGIADOS A NÍVEL INTERNACIONAL E NACIONAL.....	28
2.4.1 O Brasil como novo lar.....	31
3 LIVRO-REPORTAGEM.....	34
3.1 CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM.....	36
3.2 CONTEXTO DO LIVRO-REPORTAGEM.....	38
4 JORNALISMO LITERÁRIO.....	44
4.1 A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO.....	46
4.2 NEW JOURNALISM.....	49
5 E-BOOK.....	52
5.1 AS VANTAGENS DO E-BOOK E SEUS SUPORTES.....	55
6 PRODUTO.....	57
6.1 CONCEPÇÃO DO TEMA.....	57
6.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO.....	58
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Fome, superpopulação e guerras são alguns dos muitos motivos que levam um indivíduo a abandonar sua vida e história em um lugar. A migração sírio-brasileira não acontece por causas diferentes. Brasil e Síria mantêm laços históricos, ancorados na numerosa comunidade de origem síria estabelecida no país, estimada em torno de dois milhões e meio de pessoas, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), com dados obtidos pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR), entre 2011 e abril de 2016.

Atualmente enfrentando uma grande crise migratória em meio aos conflitos entre opositores e aliados do presidente Bashar al-Assad, a Síria enfrenta situações extremamente complexas. São conflitos que se estendem ao longo de quase seis anos. A origem da guerra foram os protestos de março de 2011, na cidade de Deraa, seguidos da prisão e tortura de um dos jovens que manifestava contra o presidente. Com brigadas opositoras lutando contra as tropas governamentais pelo controle de cidades, povoados e zonas rurais, a violência se estendeu até a capital, Damasco, e a segunda cidade mais importante do país, Aleppo, em julho de 2012.

Agora, a questão vai muito além de ser contra ou favor de Assad. Adquiriu um tom sectário, em que a maioria sunita (que representam 16 milhões da população muçulmana) enfrenta a ala alaúita, que apoia o presidente. Não podemos deixar de mencionar as intervenções de países vizinhos e dos poderes globais. Conhecida por sua tolerância, a Síria permite que seus habitantes sigam outras religiões que não sejam o Islã. Há, por exemplo, cidades em que a maioria é cristã, como acontece em Khabab. Apesar de ser um país de cultura árabe, é um dos berços do cristianismo, com cerca de 10% da população cristã.

Segundo dados da ONU, obtidos até 2014, os confrontos sírios contabilizam pelo menos 250 mil mortos – e de acordo com dados de 2015 do Centro Sírio para Pesquisa Política, os números chegam a 470 mil – e mais de quatro milhões de refugiados, em um dos maiores êxodos da história recente. Países como Líbano, Jordânia e Turquia tiveram de assumir a pior parte da crise de refugiados, lutando para acomodar todos. O Brasil pode não ser a primeira opção de destino, mas passou a ser o país que mais recebe sírios na América Latina.

Mas chegando aqui, sem falar o português e em meio à crise econômica, muitos não conseguem emprego, mesmo com qualificações. O governo brasileiro,

diferentemente de outros países, não tem um programa específico apenas para refugiados que ofereça ajuda financeira diretamente.

O presente documento monográfico discorre de forma mais aprofundada sobre o contexto da Guerra Civil Síria e oferece as demais bases teóricas para a elaboração e desenvolvimento de um livro-reportagem, produto deste Trabalho de Conclusão de Curso, sobre as histórias de cinco refugiados sírios que vivem em Curitiba: Samaan Nasri, Myria Tokmaji, Maher Jarrah, Lucia Loxca e Karim Hanna.

O livro-reportagem tem o objetivo de mostrar a realidade do migrante sírio que chega ao nosso país, através das histórias de vida dessas famílias que abriram suas casas para relatar como foi chegar aqui e como são suas vidas novas. Como reconstruíram suas vidas em países aparentemente tão distintos? Quais foram suas primeiras impressões? Quais são seus anseios, sonhos e aspirações para o futuro?

Em “Diálogos com Aleppo”, tentamos aproximar a comunidade dessas histórias, principalmente através dos recursos que o suporte escolhido possibilita. O livro-reportagem possui certa autonomia que abre portas para experimentações que não têm espaço dentro da imprensa tradicional, a fim de suprir essa carência de produção e espaço para as reportagens que são uma ampliação do simples relato raso, e que cumpre um papel muito mais ambicioso do que a reprodução de matérias publicadas em revistas ou jornais.

Ainda, com o livro-reportagem, é possível a maior apuração, contextualização e detalhamento dos fatos, levando em consideração o tempo disponível para a produção e o espaço para publicação. Desta forma, a escolha deste suporte permite que as histórias contadas em “Diálogos com Aleppo” ganhem profundidade, além de garantir maior liberdade de linguagem, que se mostra essencial para construir os pequenos perfis dos cinco refugiados da melhor maneira, de modo empático e que transmita suas emoções em relação aos fatos tratados.

Para aproveitar ainda mais o tema e as histórias, a escolha de um livro-reportagem em formato *e-book* garante maior interatividade com o leitor, uma vez que são usados vídeos, além das fotos e textos, aproximando o leitor ainda mais da comunidade síria refugiada em Curitiba. Além disso, uma produção tradicional impressa impediria que todo o potencial do nosso produto pudesse ser explorado, assim como os altos custos com impressão. Visamos, também, poder aproveitar ao máximo o que a tecnologia tem a nos oferecer hoje, acrescentando esse diferencial em nosso produto final.

2 HISTÓRIA E CONTEXTO DA GUERRA CIVIL NA SÍRIA

A prevalência do papel do exército e de forças de segurança [na Síria] assim como a disputa sectária pelo poder é ilustrada pelo número de golpes de Estado – sete, entre 1949 e 1970, tendo o último marcado o início do Regime al Assad, com a ascensão de Hafez al-Assad, no contexto da chamada Revolução Correctiva de Novembro, um golpe que visava derrotar a facção dominante ultra-esquerdista do partido Baath. (SANTOS, 2014, p. 5).

No ano de 1970, o chefe das Forças Aéreas da Síria, Hafez al-Assad comandou um golpe de Estado contra o presidente Salah Jadid, conhecido como Movimento Corretivo da Síria. Em fevereiro de 1971, tornou-se presidente do país. Como afirma a jornalista portuguesa Sofia José Santos (2014), no artigo “À lupa- A Guerra Civil na Síria”, “desde o início, o regime caracterizou-se por ser controlador, autoritário e repressivo” (SANTOS, 2014, p. 6). A ascensão de al-Assad significou a também ascensão da etnia alauíta¹, à qual pertencia e que representava menos de 10% da população síria – cerca de 2 milhões de pessoas.

FIGURA 1 - HAFEZ AL-ASSAD
EM NOVEMBRO DE 1970



FONTE: ACERVO DO "SYRIAN HISTORY ARCHIVE"

Segundo o jornalista brasileiro Klester Cavalcanti (2014), no livro “Dias de inferno na síria – O relato do jornalista brasileiro que foi preso e torturado em plena guerra”, cargos de prestígio e poder foram entregues para membros do seu povo, e

1 A doutrina alauíta é uma variante heterodoxa e esotérica do xiismo.

a elite síria foi se formando cada vez mais pelos representantes alauítas e da família al-Assad. Dessa forma, o povo sírio de maioria sunita – aproximadamente 18 milhões – organizou uma forte oposição ao regime de Hafez al-Assad – acusado de cometer inúmeros abusos sobre os direitos humanos –, clamando por democracia e liberdade de imprensa.

As políticas de consolidação do poder assentavam primordialmente no policiamento apertado e sistemático e na repressão violenta de opositores, bem como no culto da personalidade do líder e na centralidade e domínio do Estado, muitas vezes confundido com o Partido Baath² ou o próprio Presidente. (SANTOS, 2014, p. 6).

O país passou a ter uma nova Constituição, promulgada em 1973, que garantia toda a liderança do Partido Baath³ e concedia a última palavra sempre ao presidente Hafez al-Assad (SANTOS, 2014). “A liderança colectiva do Partido foi substituída pela liderança personalizada de Hafez e as lideranças intermédias eram garantidas por nomeação e não mais por eleição” (SANTOS, 2014, p. 6). Também em consequência da forte resistência, como explica Cavalcanti (2014), al-Assad impôs a proibição de partidos de oposição, assim como a participação de candidatos contrários a ele nas eleições e a força militar passou a ser sua principal aliada.

A burocracia, portanto, aumentou de forma expressiva, da mesma forma que os serviços militares, de espionagem, sindicatos e associações corporativistas (SANTOS, 2014). Além das forças estatais, o regime de Hafez foi responsável pela criação de milícias pró-governo em todo o território Sírio, eram civis armados pelo governo para combater os opositores de al-Assad. Foi essa estratégia que garantiu ao presidente bastante controle sobre o país e que manteve seu poder, mesmo com as oposições.

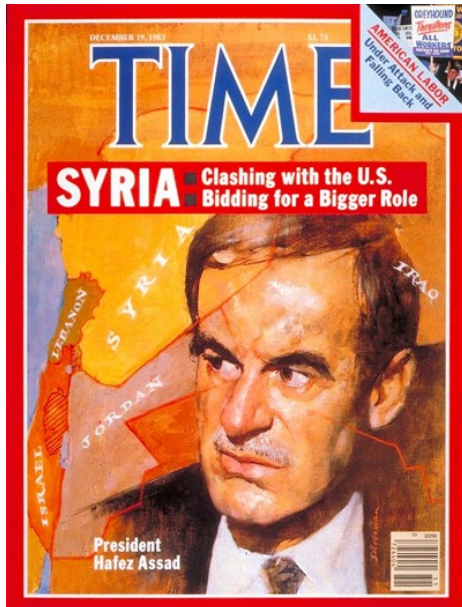
No entanto, o confronto continuava e seu ápice foi marcado por um dos episódios mais sangrentos da história recente do Oriente Médio (CAVALCANTI, 2014), conhecido como Massacre de Hama. No dia 2 de fevereiro de 1982, o Exército Sírio bombardeou a cidade de Hama, que concentrava a maior resistência

2 “A corrente baathista, uma ideologia que preconiza uma adaptação do socialismo ao contexto das sociedades árabes, defensora do secularismo, da modernização industrial e de políticas de bem-estar social com intervenção estatal na economia, principalmente no sector de petróleo”. (SANTOS, 2014, p. 6)

3 A filiação no Baath, que arrastava privilégios e acesso ao poder dentro do sistema, foi grandemente encorajada por ser um dos instrumentos de controlo mais eficazes por parte do poder central - em 1963, o partido tinha 400 filiações e, em 1981, 374.332. (SANTOS, 2014, p. 6)

contra o presidente. De acordo com a Anistia Internacional⁴, a estimativa de vítimas fatais do ataque é entre 10 mil e 25 mil.

FIGURA 2 - CAPA DE DEZEMBRO DE 1983 DA REVISTA TIME



FONTE: ACERVO DIGITAL DA REVISTA TIME

Segundo Santos (2014), o regime de Hafez al-Assad poderia ser considerado mais pragmático do que ideológico, pois “economicamente, a preocupação do regime tendia para o aumento da produção absoluta e não tanto para a construção de uma sociedade igualitária, contrariando a ideologia que a corrente política formalmente se inseria – a corrente baathista (...)” (SANTOS, 2014, p. 5). A jornalista analisa que o regime de Hafez al-Assad teve resultados bastante oscilantes, com grandes balanços negativos entre 1970 e 1980, mas com um grande crescimento a partir do início da década de 1990 e recessão econômica a partir de 1995.

Corrupção, má gestão pública e privada, longos períodos de seca, participação em duas guerras, ineficiência e iliteracia justificam, em parte, estes resultados. Internacionalmente, desenvolveu a sua política externa orientada por uma matriz anti-Occidente e tentou garantir a sua hegemonia regional. Tinha relações próximas com os países ricos em petróleo do Golfo Pérsico (...) Frequentemente, o governo sírio recorreu ao uso da força como ferramenta de política externa (...), apesar das sanções internacionais que lhe foram sendo impostas. (SANTOS, 2014, p. 6).

4 *The Massacres of Hama: Law Enforcement Requires Accountability Syrian Human Rights Committee, February 1, 2005.*

A morte de Hafez al-Assad em 2000, consequência de um ataque cardíaco, no entanto, não minimizou a repressão. Seu filho, Bashar al-Assad⁵, assumiu o comando da Síria, mesmo sem precedentes ou experiência política e militar (CAVALCANTI, 2014). Bashar foi indicado candidato pelo Partido Árabe Socialista Baaz (o único partido do regime) e eleito, por meio de referendo, para ser general do Estado-Maior e chefe supremo das Forças Armadas da Síria.

Segundo Santos (2014), mesmo que a grande maioria da população síria se opusesse à transferência automática de poder entre pai e filho, também existia grande otimismo e expectativa com Bashar. No começo, os discursos indicavam um novo e diferente governo com liberdade de imprensa, democracia e respeito aos Direitos Humanos (CAVALCANTI, 2014).

No seu discurso inaugural, afirmou o compromisso com a liberalização económica, comprometeu-se a desenvolver algumas reformas políticas e rejeitou o estilo ocidental de democracia enquanto modelo apropriado para a política síria. Anunciou também que não apoiaria medidas que ameaçassem o domínio do Partido Baath, mas abrandou algumas restrições governamentais em relação à liberdade de expressão e de imprensa, e libertou vários presos políticos. (SANTOS, 2014, p. 6).

Esse período de esperança que prometia uma Síria mais democrática e aberta com a implementação de um conjunto de reformas ficou conhecido como “Primavera de Damasco”, quando foram até mesmo surgindo alguns fóruns de discussão política sobre reformas no governo sem censura de Bashar (SANTOS, 2014). No entanto, após alguns meses, a trajetória das mudanças que prometiam o governo Bashar ser diferente do governo de seu pai mudou. O novo presidente tomou medidas para extinguir o ativismo político que começou a se criar no país.

De acordo com Cavalcanti (2014), tudo não passou de um jogo de imagem política para agradar e amenizar os impactos com os Estados Unidos e os países da Europa - países influentes que eram contrários à ditadura implantada por seu pai. A repressão iniciada por Hafez al-Assad voltou e continuou, assim como a ascensão dos aluítas e o esquecimento da maioria sunita, e “apesar das promessas iniciais, as liberdades políticas reais e o estímulo à economia prometidos nunca se materializaram” (SANTOS, 2014, p. 6).

⁵ “O jovem líder tinha apenas 34 anos na época, forçando uma mudança constitucional - a idade mínima permitida para o cargo era de 40 anos, oftalmologista, tendo concluído os estudos em Londres, com o seu ar ocidental, era visto como um modernizador e uma força de mudança face ao legado do seu pai.” Disponível em: <<http://odiplomata.blogs.sapo.pt/339941.html>>.

A resistência ao governo continuou, mas de forma menos intensa e sem muita repercussão. O cenário começou a mudar quando, em 2007, Bashar al-Assad foi reeleito, por novo referendo, com 97% de aprovação (CAVALCANTI, 2014). No entanto, ter sido o único a concorrer ao cargo causou mais indignação dos seus opositores, motivando outra onda de manifestos que, em consequência, encorajaram o presidente sírio a buscar apoio internacional. A situação continuava conflituosa, mas saíria totalmente do controle de Bashar em 2011 (CAVALCANTI, 2014).

FIGURA 3 - PÔSTER DO PRESIDENTE BASHAR AL-ASSAD



FONTE: ACERVO DE IMAGENS STATIC FLICKR

2.1 A GUERRA CIVIL SÍRIA

Antes de sair do meu lado, Ibrahim fez algo que seria visto com estranheza no Brasil, porém muito comum entre os homens muçulmanos: deu-me um beijo no rosto. Naquele momento, no entanto, chamava mais minha atenção o que ele acabara de falar: “Nós não entendemos essa guerra”. (CAVALCANTI, 2014, p. 67).

Em Janeiro de 2011, a mesma onda revolucionária - mundialmente conhecida como Primavera Árabe⁶ - que depôs o ditador tunisiano Zine El Abidine Ben Ali no

⁶ “Os levantes se iniciaram no norte da África em 18 de dezembro de 2010, quando o tunisiano Mohamed Bouaziz imolou o próprio corpo ateadado fogo às suas vestes como forma de protesto contra a corrupção e os maus tratos policiais. (...) de forma inédita se utilizou de mídias sociais como Facebook, Twitter e YouTube para montar uma forte articulação contra regimes ditatoriais e monarquias constitucionais que governavam o Oriente Médio e alguns países da África há

mesmo mês e que derrubaria o também ditador egípcio Hosni Mubarak em fevereiro, atingiu a Síria. Os moradores da cidade de Deraa foram para as ruas protestar contra a prisão e tortura de estudantes que pichavam mensagens contra o regime de Bashar al-Assad. Segundo o jornalista e historiador Claudio Blanc (2016), no livro “Guia Guerras do Mundo Atual”, forças armadas dispararam contra a multidão, causando mortes e deixando várias pessoas feridas.

Os protestos se espalharam pelo país exigindo a renúncia do presidente al-Assad, “a criação de partidos políticos, direitos iguais para a população curda, liberdades políticas mais alargadas, especificamente as de imprensa e expressão” (SANTOS, 2014, p. 7). De acordo com Santos (2014), o governo fez algumas concessões, mas que “foram consideradas insuficientes pela esmagadora maioria da população” (SANTOS, 2014, p. 7).

A partir de Março, a repressão contra as manifestações tomou rumos mais violentos, a reação do governo foi exatamente a mesma que em 1982: tropas do Exército Sírio foram enviados para as cidades que possuíam a maior concentração de resistência ao governo⁷ (CAVALCANTI, 2014). A violência por parte do governo contra os manifestantes, “apenas fez crescer ainda mais a determinação dos opositores ao regime. Em Julho de 2011, centenas de milhares de pessoas tomaram as ruas de cidades de todo o país” (BLANC, 2016, p. 85).

O regime passou a reprimir violentamente os protestos - atirou com armas de fogo sobre a população que se manifestava, avançou com tanques e dispôs atiradores. Ao mesmo tempo, cortou o abastecimento de água e de electricidade, e as forças de segurança começaram a confiscar farinha e comida em áreas específicas, como estratégia de penalização aos dissidentes. (SANTOS, 2014, p. 7).

Segundo Santos (2014), a militarização do conflito encorajou uma consolidação das identidades sectárias que antes “tinham tido pouca importância dentro do contexto (...) que se batia, antes e essencialmente, pela exigência de reconhecimento e respeito pelos direitos políticos, económicos e sociais” (SANTOS, 2014, p. 7).

O Exército Sírio é acusado de agir de maneira extremamente violenta com a população síria, com relatos de chacinas em praça pública (CAVALCANTI, 2014), e

décadas.” (ANDRADE, 2013, p.126)

7 Os ataques dos dias 18 e 19 de março foram os mais expressivos da época, que chegaram a contabilizar mais de 500 mortes, a maioria de civis, de acordo com Cavalcanti (2014).

em consequência disso, cerca de 3 mil soldados e oficiais desertaram. Junto com civis que também discordavam das ações do governo, formaram o chamado Exército Livre da Síria (Syrian Liberation Army, em inglês – SLA), “a maior força armada contrária ao regime” (CAVALCANTI, 2014, p. 70).

A partir disso, “com violência armada de um lado e do outro, a contestação civil passou a ser guerra” (SANTOS, 2014, p. 7). De acordo com Blanc (2016), a guerra deflagrou quando “brigadas rebeldes foram formadas para combater as tropas governamentais pelo controle das capitais e cidades do interior” (BLANC, 2016, p. 85). Depois disso, foi a vez de criarem, também, uma espécie de governo paralelo ao regime de Bashar al-Assad, o Conselho Nacional da Síria. Em 2012, os combatentes já estavam na capital da Síria, Damasco, assim como na segunda maior cidade do país, Aleppo (BLANC, 2016).

Também em 2012, a atenção da comunidade internacional voltou a se concentrar nos conflitos armados que começavam a desestruturar o país (CAVALCANTI, 2014), depois que três jornalistas estrangeiros foram mortos no território⁸.

Com a crescente violência (...) testemunhada pela cobertura dos media internacionais e pelos relatos de Organizações Não-Governamentais (ONG's) no terreno, começou-se a equacionar-se a possibilidade de intervenção externa, ao abrigo do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, para derrubar Bashar al-Assad, uma opção apoiada pelos EUA mas vetada pela Rússia e China. (SANTOS, 2014, p. 7).

Os conflitos ganhavam mais força e nem mesmo os esforços da Organização das Nações Unidas (ONU), “que enviou observadores à Síria na tentativa de articular um plano de paz, surtiram efeito” (CAVALCANTI, 2014, p. 71). Segundo o jornalista Klester Cavalcanti (2014), o Emissário das Nações Unidas e da Liga Árabe, Kofi Annan, costurou um cessar-fogo entre as forças contrárias ao governo e o presidente Bashar al-Assad. No entanto, o acordo não teve o resultado esperado e foi logo quebrado por ambos os lados, que continuavam agressivos, resultando em ataques contra observadores da ONU escoltados por militares do Exército Sírio e nas localidades com grande concentração de rebeldes, respectivamente.

Em 2013, um ataque com arma química em regiões rurais vizinhas à capital Damasco matou centenas de pessoas, foram usados foguetes carregados com gás

⁸ Em janeiro, foi vítima de tiros no centro da cidade de Homs o jornalista francês Gilles Jacquier; um mês depois na mesma cidade, a mais afetada pela guerra e com grande concentração de conflitos, foram mortos o fotógrafo francês Rémi Ochlik e a jornalista americana Marie Colvin em um ataque ao prédio que era base da imprensa internacional na cidade (CAVALCANTI, 2014).

sarin - classificado como arma de destruição em massa na Resolução 687 das Nações Unidas (BLANC, 2016). Segundo afirma Blanc (2016), “enquanto as potências ocidentais acusam o governo de Assad de ter realizado os ataques com gás, o regime e seu maior aliado, a Rússia, culpam os rebeldes” (BLANC, 2016, p. 87).

De acordo com Santos (2014), o ataque fomentou o debate entre a comunidade internacional sobre a necessidade de haver uma intervenção externa, além do controle do uso e armazenamento de armamentos químicos. O Conselho de Segurança da ONU aprovou, de forma unânime, a Resolução 2118⁹ (S/2118/2013) que apresenta um plano de processo de paz entre as partes envolvidas na guerra (SANTOS, 2014). O Conselho pediu, no mesmo documento:

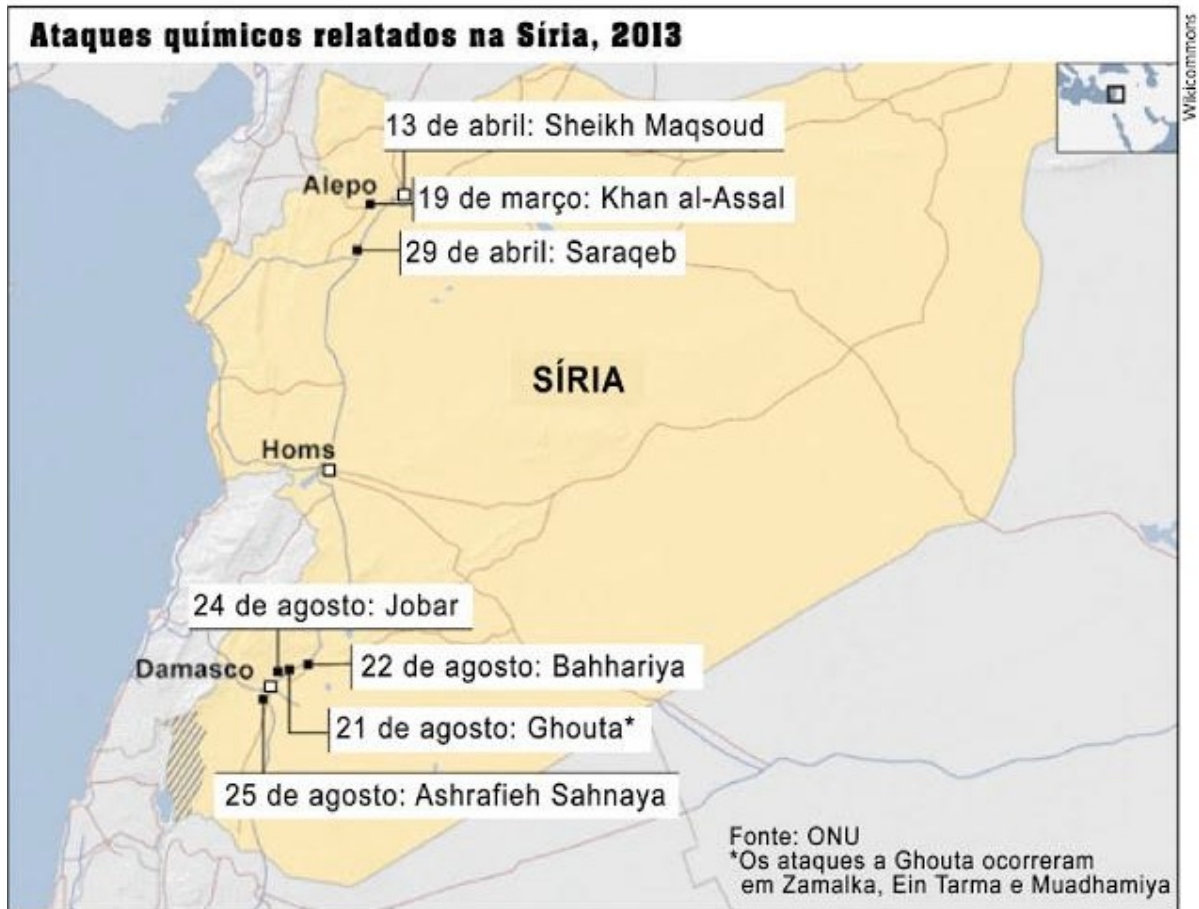
(...) a rápida implementação dos procedimentos elaborados pela Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ) ‘para a destruição rápida do programa de armas químicas da República da Síria e sua rigorosa verificação’ (...) ainda que iria trabalhar com a OPAQ na implantação de uma “equipa de supervisão e destruição” de armas químicas, esperando a plena cooperação do governo sírio. (SANTOS, 2014, p. 7).

Para evitar uma possível intervenção militar externa (BLANC, 2016), o presidente Assad cumpriu a promessa de destruir todo o arsenal de armamento químico do país, além de encerrar todas as instalações de produção (SANTOS, 2014) até o final de 2014.

Mas, de acordo com Blac (2016), a Organização para a Proibição de Armas Químicas (Organisation for the Prohibition of Chemical Weapons, em inglês – OPCW) voltou a documentar casos de uso de armamentos químicos em ataques contra vilas controladas pelos rebeldes pelo governo. O Estado Islâmico (EI ou ISIS – em inglês *Islamic State of Iraq and Syria*) também foi “acusado de utilizar armas químicas caseiras (...) contra forças curdas e civis” (BLANC, 2016, p. 87).

9 Disponível em:
<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N13/489/23/PDF/N1348923.pdf?OpenElement>

FIGURA 4 - MAPA DOS ATAQUES QUÍMICOS NA SÍRIA EM 2013



FONTE: ONU

No entanto, de acordo com Santos (2014), “ao mesmo tempo que se prepara o processo de paz, os combates entre forças governamentais e forças rebeldes intensificam-se, assim como combates entre forças rebeldes com agendas políticas opostas” (SANTOS, 2014, p. 8).

2.2 ATORES DA GUERRA

Hoje, o conflito sírio tornou-se uma luta complexa (BLANC, 2016). Como explica Reginaldo Jonas Heller (2015),

O envolvimento de potências e fatores externos à geografia síria neste conflito apresenta, ao menos preliminarmente, traços muito semelhantes à Guerra Civil na Espanha, onde ali se jogaram interesses de outras potências que disputavam a hegemonia europeia. (HELLER, 2015, p. 8).

Conforme a crise se intensifica, os países vizinhos à Síria são envolvidos,

“não apenas derrubando o status quo regional, mas também ameaçando desencadear uma conflagração regional mais ampla” (HELLER, 2015, p. 8). Ao decorrer deste subcapítulo, serão apresentados os principais atores envolvidos em todo o conflito sírio, segundo a reportagem da jornalista Natalia Sancha (2016), “Um guia para entender quem é quem no complexo conflito da Síria”, publicado pelo portal online do jornal El País.

2.2.1 Grupos sírios

Representam os grupos sírios, o Exército Árabe Sírio, que é controlado pelo presidente Bashar al-Assad. Os militares controlam as maiores cidades do país, a exemplo a capital Damasco, Hama, Aleppo, Tartus e Latakia, e também as estradas de conexão. Assim como as Forças Nacionais de Defesa, que consideradas o braço direito do Exército Sírio, foram criadas pelo governo em 2012 e são integradas por voluntários e soldados de reserva. Também os Comitês Populares, que surgiram para proteger os bairros. Geralmente, são moradores armados, treinados e pagos pelo governo alocados nos controles de passagem que existem em áreas onde vivem alauítas, cristãos e drusos.

2.2.2 Aliados regionais

Os aliados regionais são formados pelo Partido Social Nacionalista Sírio (SSNP), que foi fundado em 1932 no Líbano, com ramificações na Síria e no Iraque, o partido defende a ideologia da Grande Síria, formada pela atual Síria, Líbano, Iraque, Jordânia, Israel, Palestina, Chipre, Kuwait, a Península do Sinai, o sudeste da Turquia e o sudoeste do Irã. Pelo Hezbollah (Partido de Deus), criado inicialmente com apoio sírio em 1982, durante a Guerra Civil Libanesa, para enfrentar as tropas israelenses, é um partido-milícia xiita libanês. E pela República Islâmica do Irã, que Presta apoio econômico e militar. Os grupos de islamistas e jihadistas recebem apoio financeiro principalmente da Arábia Saudita e do Catar. A Turquia também estava envolvida até células terroristas começarem a aparecer no país.

2.2.3 Aliados internacionais

Desde o início dos conflitos, em 2011, a Rússia mostrou-se ao lado do governo de Bashar al-Assad, mantendo uma aliança que remonta à Guerra Fria. É o principal fornecedor de armas do Exército sírio, além de fornecer também milhares de homens, marcando presença aérea e marítima no território.

2.2.4 Apoio das minorias da Síria

Apoio recebido das Unidades de Proteção Popular curdas (YPG, na sigla em curdo), que são uma milícia armada que atua na região de Rojava (Curdistão sírio, ao norte do país, na fronteira com Turquia e Iraque), sob o comando do Comitê Supremo Curdo. Eles compõem a principal força das Forças Democráticas Sírias, criadas para expulsar o Estado Islâmico do país. O reforço também vem dos Palestinos / Frente Popular para a Libertação da Palestina – Comando Geral (FPLP-CG). Criada em 1968, a Frente Popular forma um ramo especial do Exército, conhecido como Exército de Libertação da Palestina – a Síria conta com uma população de entre 400.000 e 500.000 palestinos.

Outro grupo de apoio é o *Aknaf Bait al-Maqdis*, milícia insurgente palestina, que no começo lutou contra o Exército, mas depois passou a fazer parte dos combates contra as investidas da Al Qaeda e do EI. E por fim os drusos, que são meio milhão que vivem na Síria, principalmente no sul do país. Assim como os cristãos, a maioria dos líderes religiosos apoia o presidente. No entanto, o xeque Walid al-Balous foi o único a ficar contra os rebeldes e também contra as forças do regime, tendo uma terceira via como proposta antes de ser assassinado.

2.2.5 Grupos insurgentes

Os grupos insurgentes controlam entre 10% e 25% do território sírio, e são divididos entre o Exército Livre da Síria (ELS), formado a partir de oficiais “desertores” do Exército regular em 29 de julho de 2011. Atualmente, é formado também por civis e é dividido em 27 facções sob o comando do general Abdul-Ilah al-Bashir, e é armado e financiado por nações ocidentais e árabes. Os *Ahrar al-Sham* (Homens Livres do Levante), que são uma das principais forças armadas insurgentes. É formado pela coalizão de grupos islamistas e salafistas, que somam

entre 10.000 e 20.000 combatentes. O *Jaysh al-Islam* (Exército do Islã), que é a principal força insurgente de Damasco. Combate tanto as tropas do regime de Bashar al-Assad, como as do ELS. Possui entre 20.000 a 25.000 soldados.

Também faz parte o Exército da Conquista, uma aliança entre diversas facções insurgentes, que inclui combatentes moderados do ELS, islamistas como Ahrar al-Sham e jihadistas como al-Nusra. Possui apoio e envio de armas fornecidos pela Turquia, Catar e Arábia Saudita. Assim como a Frente al-Nusra, que caracteriza-se por ser o braço local da Al Qaeda em território sírio. É considerado como grupo terrorista pelos Estados Unidos e pela ONU. Estende-se no noroeste sírio após ter sido expulso pelo Estado Islâmico (EI) da parte oriental do país.

E, por fim, o Estado Islâmico (EI). Em um período de 30 meses, estima-se que o EI tenha conseguido conquistar mais da metade do território sírio, principalmente em zona desértica. É um grupo terrorista criado no Iraque em 1999, antes com o nome de Organização do Monoteísmo e da Jihad. Obteve crescimento significativo durante a invasão das tropas norte-americanas em 2003. O grupo é sustentado pelo contrabando de petróleo, peças arqueológicas e de extorsão. Possui entre 25.000 a 40.000 jihadistas combatentes, dos quais 15.000 são estrangeiros. Cerca de 4.500 são da Europa, e cerca de 20%, mulheres. O Estado Islâmico tem controle de amplas áreas do noroeste da Síria até o noroeste do Iraque.

2.2.6 Coalização contra o EI

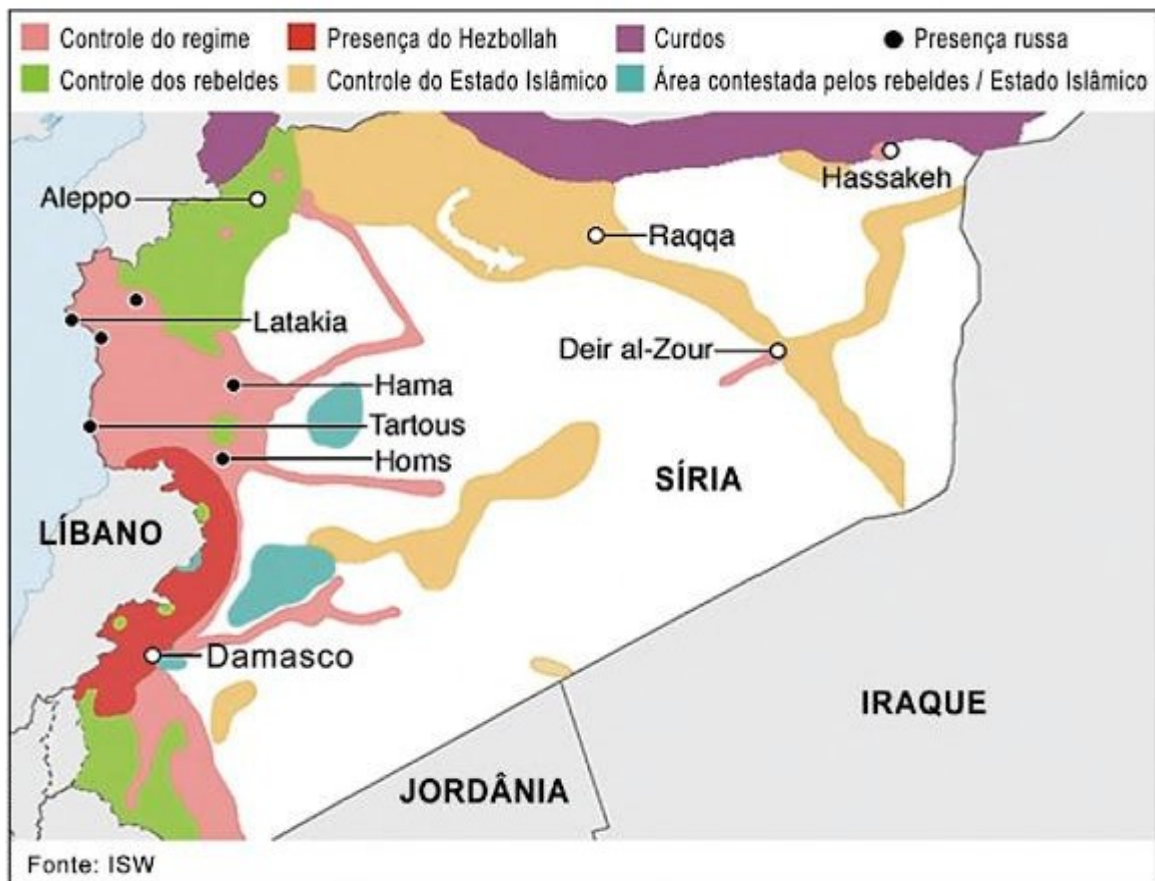
Os Estados Unidos lideram uma coalizão contra o Estado Islâmico, formado por países do Golfo e aliados ocidentais, que participam dos bombardeios na Síria. Segundo dados do governo americano, esses ataques já provocaram a morte de mais de 22.000 jihadistas, e também de centenas de civis.

2.2.7 Oposição ao regime sírio

A oposição ao regime de Bashar al-Assad conta com o Conselho Nacional Sírio (CNS), que foi formado depois do início das revoltas de 2011 e tinha como objetivo ser um governo alternativo no exílio. Sua base fica na Turquia, e é considerado de pouca influência sobre os grupos armados, uma vez que estão mais

desconectado da realidade do país. Também é formada pela Coalizão Nacional para as Forças Sírias Revolucionárias e Opositoras, grupo formado em novembro de 2012 e que se aliou ao CNS com o objetivo de criar um governo de transição. O terceiro integrante opositorista é o Alto Comitê de Negociações (HNC, na sigla em inglês). A comissão é composta por representantes da oposição para mediar as negociações de Genebra. Possui entre 30 e 40 membros, e inclui representantes da CNS, veteranos opositores, Irmandade Muçulmana Síria, grupos islamistas e rebeldes, como o Exército Livre da Síria.

FIGURA 5 - CONTROLE DO TERRITÓRIO SÍRIO



FONTE: BBC BRASIL

2.3 O PAPEL DA IMPRENSA NA COBERTURA DE GUERRA

Uma das maiores utopias do jornalismo é a busca pela maior objetividade e imparcialidade possível na notícia. A função do jornalista é, teoricamente, relatar os fatos sem que suas próprias ideologias comprometam o resultado final, deixando

para o leitor toda e qualquer interpretação. Porém, na prática, sabe-se que é impossível atingir a total objetividade (HELLER, 2015, p. 1).

No livro do sociólogo brasileiro Michael Löwy (1991), “Ideologia e Ciência Social. Elementos para uma análise marxista”, duas visões são abordadas sobre a questão da objetividade: a de Emile Durkheim e de Max Weber. Para Durkheim, o cientista social, ou seja, o jornalista, “(...) deve pôr de lado, sistematicamente, todas as prenoções antes de começar a estudar (reportar) a realidade social. Estas prenoções seriam viseiras que impediriam de ver o que realmente estaria se passando” (LÖWY, 1991, p. 42). Já Weber faz uma abordagem mais verossímil ao que de fato acontece no meio jornalístico: “(...) na prática, não se pode evitar, impedir ou eliminar a interferência de juízos de valor” (LÖWY, 1991, p. 55).

Pode-se afirmar que até mesmo a escolha da cobertura de tal acontecimento se distancia da busca pela objetividade. “O próprio ato de recortar um elemento da realidade e examiná-lo já implica certa perspectiva, uma escolha... uma visão de mundo” (LÖWY, 1991, p. 56). Porém, segundo Weber, essa impossibilidade de praticar um jornalismo totalmente objetivo contribui para uma maior pluralidade de opiniões e posições ideológicas, fazendo com que a produção cultural e o debate sejam promovidos (HELLER, 2015). E como afirma Heller (2015), esse fenômeno só acontece em regimes democráticos.

Além da questão da busca ilusória da total objetividade, pode-se observar que a mídia tem preferência pelas pautas de guerra, assim como sua cobertura como entretenimento. Como define o professor Dov Shinar (2013), há uma inclinação de longa data pela guerra na imprensa escrita, no rádio e na televisão.

Desde 1898, pouco antes da eclosão da guerra hispano-norte-americana, o fotojornalista Frederic Remington, enviado do New York Journal para Cuba, passou alguns dias em Havana. Sem perceber qualquer indício de guerra, mandou um telegrama ao seu chefe, dizendo: “não haverá guerra, permissão para retornar”. O patrão, o magnata da imprensa William Randolph Hearst, respondeu: “Permissão negada. Por favor, permaneça. Você fornece as fotos, eu vou fornecer a guerra”. Independentemente das dúvidas sobre sua precisão, este episódio ilustra a preferência da mídia pela guerra. (SHINAR, 2013, p. 9).

Dov Shinar (2013) ainda enfatiza que o modo como as guerras são representadas mudou a forma como são travadas e contadas: “a gestão da informação se desenvolveu junto com as novas tecnologias de mídia, a informática transformou as armas de guerra e as imagens da mídia transformaram a guerra em

entretenimento” (SHINAR, 2013, p. 10 e 11).

Algumas das características desse “tipo de entretenimento”, segundo Shinar (2013), é a preferência do emocional ao racional, a cobertura ao vivo do conflito, ação dramática e simplificada e a personalização das histórias, tanto de “vitória” como de “derrota”. É um conjunto de normas que define o uso de imediatismo, drama, simplicidade e etnocentrismo pela mídia.

Como explica Shinar (2013), a “dramatização” do conflito exige violência e conflitos, em vez de cooperação e calma. A “simplicidade”, por sua vez, favorece opiniões, imagens e grandes personalidades, e deixa de lado ideologias, textos e conflitos multilaterais. Já o “etnocentrismo” enfatiza as próprias crenças e sofrimentos, e se distancia da própria brutalidade e do sofrimento do outro. E o “imediatismo” se dá pela captação de ações específicas ao passo de políticas e processos ao longo prazo.

Tais características utilizadas pela mídia têm sido alvo de críticas por “dessensibilizar o público aos detalhes sangrentos da guerra, misturando notícias com opiniões e ignorando fatos e contextos” (SHINAR, 2013, p. 12). E é dessa forma que a cobertura feita pela imprensa faz com que a guerra se torne um espetáculo, uma forma de entretenimento, em vez de uma transmissora de informação.

Essa espetacularização da guerra feita pela mídia pode ser encarada como uma tática para conquistar apoio público na intervenção em um conflito, uma vez que a imprensa e sua campanha de guerra é elemento chave para atingir o público (HELLER, 2015). Reginaldo Jonas Heller (2015) resume o modelo apresentado em “Técnica de Propaganda na Guerra Mundial” (1938), de Harold Lasswell. O que a mídia faz para ganhar o apoio do povo é basicamente “(1) colocar a ‘culpa da guerra’ do inimigo; (2) fomentar a natureza ‘satânica’ do inimigo; e (3) propagar a ‘ilusão da vitória’.” (HELLER, 2015, p. 5). Seguindo tais passos e garantindo o apoio necessário, a guerra pode ser declarada, e se torna também um conflito midiático, além de bélico.

2.4 REFUGIADOS A NÍVEL INTERNACIONAL E NACIONAL

O conflito sírio já perdura por mais de cinco anos, e é possível observar que aumentam cada dia mais os números que representam aqueles que abandonam o

país para buscar refúgio em locais mais seguros. Segundo dados do ACNUR¹⁰, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, até 2015 eram mais de 4 milhões de sírios fugindo da guerra civil, o que faz com que essa seja a maior crise de refugiados em quase um quarto de século sob o mandato do ACNUR.

A definição de “refugiado”, segundo o Estatuto dos Refugiados, em vigor pela Convenção de Viena em 1951, em seu artigo 1º, diz que:

Refugiado é qualquer pessoa que por medo bem fundado de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social em particular ou opinião política está fora de seu país de nacionalidade e está incapaz, ou devido a tal temor, não pode se valer da proteção de tal país; ou que não tendo nacionalidade e estando fora do país de sua residência habitual, está incapaz, ou devido a tal temor, não pode voltar ao país.

Os motivos pelos quais o povo sírio busca refúgio podem ser classificados como perseguição por pertencimento a grupo social ou perseguição por opinião política (ANDRADE, 2011). A população tem se afastado de seus lares por uma questão de sobrevivência, e são vítimas tanto de tropas militares do próprio Estado, como alvos dos grupos que insurgem contra o governo de Bashar al-Assad.

A situação do conflito sírio pode ser encaixado no termo de Estado Colapsado, de Rotberg: “(...) não há mais a mínima condição de proteção ao cidadão ou nacional, tem-se um estado de desgoverno generalizado com paralisia das funções básicas do Estado (...) e a população já não reconhece a legitimidade do regime” (ANDRADE, 2011, p. 124). Tal deficiência nas funções básicas do Estado, como educação, saúde, assistência social e segurança pública são os fatores que fazem com que o refúgio seja a medida adotada.

Os principais países escolhidos pelo povo sírio para buscar refúgio são a Turquia, o Iraque, a Jordânia e o Líbano, pela questão da proximidade territorial e semelhança cultural e religiosa. Segundo dados de 2015 do ACNUR, há mais de 2,5 milhões de sírios na Turquia, 1,1 milhão no Líbano e mais de 600 mil na Jordânia.

O fenômeno do refúgio (termo utilizado por alguns especialistas) não é algo novo, e por isso foram criados diversos institutos jurídicos. Porém, ainda assim, existem diversas violações de direitos dos refugiados (ANDRADE, 2011). A realidade na maioria dos campos é a privação de recursos essenciais para a sobrevivência digna. Segundo dados da ONU, não há água potável, há esgoto a céu aberto e a

¹⁰ Disponível em www.acnur.org. Visitado no dia 20 de novembro de 2016.

violência é constante. Para que se possa atender aos princípios dos direitos humanos, deve ser feita uma abordagem pautada na não discriminação, na igualdade, inclusão e participação, assim como a responsabilização do Estado provocador (ANDRADE, 2013).

Ainda segundo Andrade (2011), a omissão estatal deve ser responsabilizada de forma punitiva. “(...) responsabilização estatal pelos danos e violações causados aos nacionais que se refugiam em outro país pela incapacidade do Estado de origem em prover o direito à integridade física e psicológica, à vida, à segurança e à saúde em seu território” (ANDRADE, 2011, p. 128).

Tais violações aos direitos dos refugiados se dá principalmente pelo fato de uma alta complexidade de temas, como explica Andrade (2011). São questões médicas e psíquicas; segurança; trabalho; educação; legislação; relações de gênero e outros. Além de tais dificuldades, há também a manipulação de interesses dominantes de nações desenvolvidas.

Refugiados são encarados como “capital social” negativo, são tomados por uma espécie de pecha “banditista” falsa e nefasta que criminaliza o degredado; são o “bode expiatório” dos repugnante xenófobos do momento, que preferem culpar o “estranho” (o estrangeiro, o diverso etnicamente talvez), ao invés de enxergar as próprias vísceras governamentais como causadora, não raras vezes, do desemprego, violência, instabilidade econômica e social (ANDRADE, 2013, p. 130).

Além da xenofobia presente nas nações receptoras, os países que se inclinam para uma ação interventiva, priorizam interesses estratégicos, militares e econômicos do que humanitários, mesmo que isso custe a vida de milhares de sírios. Pode-se observar também uma influência dos interesses dos países do Norte, desenvolvidos, aos dos países do Sul, subdesenvolvidos. Andrade (2011) explica que, historicamente, os países do Sul abrigam mais refugiados, e que os países do Norte deveriam buscar uma maior responsabilização e apoio às nações subdesenvolvidas. Segundo o autor, deve-se redefinir os “papéis dos países do Norte em relação às nações do Sul, já que os ônus e demais encargos pelo acolhimento dos refugiados têm recaído sobre os ombros de países subdesenvolvidos” (ANDRADE, 2011, p. 137).

Os problemas percebidos e violações praticados pelos Estados receptores são muitos, podendo-se notar uma falta de comprometimento com o Estatuto dos Refugiados. Mesmo com a ajuda de ONGs, do ACNUR e do próprio governo,

algumas das violações do Estatuto dos Refugiados são:

Há violações ao artigo 3º e 4º do Estatuto dos Refugiados (que trata da não-discriminação e da liberdade de culto, respectivamente); violações aos direitos que decorrem do estatuto pessoal e de propriedade (artigos 12º, 13º e 14º, respectivamente); violações ao artigo 15º, que traduz o direito à associação do refugiado; faltas aos artigos 16º e 17º (que tratam do direito de ação em juízo e de emprego assalariado, respectivamente); a grave violação ao artigo 21º (que trata da obrigação dos Estados de fornecerem alojamento digno, tratamento não menos favorável que a um nacional); uma obscena violação ao artigo 22º (que trata da necessidade e responsabilidade educacional para com os refugiados); violação aos artigos 23º e 24º (que tratam da assistência pública, trabalhista, social e previdenciária). (ANDRADE, 2011, p. 132).

2.4.1 O Brasil como novo lar

O Brasil é, atualmente, o país da América Latina que mais abriga refugiados sírios. A lei brasileira de refúgio nº 9.474/97 criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), garantindo documentos básicos, liberdade de movimento no território nacional e demais direitos civis (LACERDA; SILVA; NUNES, 2015). Além da lei, o Brasil se tornou um modelo de proteção para refugiados na América do Sul a partir da reabertura de um escritório do ACNUR em seu território (AYDOS; BAENINGER; DOMINGUEZ, 2008).

Os primeiros registros da imigração árabe para território brasileiro remetem ao final do século XIX, quando navios do Oriente aportaram em Santos, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Esses primeiros imigrantes buscavam uma nova vida longe do império Turco-Otomano (LACERDA; SILVA; NUNES; 2015). A atividade que esse povo possuía maior facilidade era com o comércio. Pode-se afirmar que um dos motivos que o Brasil é o destino escolhido pelos afetados do atual conflito sírio são as raízes familiares.

Apesar de os dois países estarem separados por uma distância de aproximadamente dez mil quilômetros, desde a eclosão do conflito sírio o número total de refugiados no Brasil aumentou em cerca de quinze vezes, entre o período de 2011 e 2013. Segundo o ACNUR, até 2015, o país teve 28.670 solicitações refúgio, de várias nacionalidades. De acordo com a tabela abaixo, a partir de 2014 os sírios tomaram a primeira posição na quantidade de refugiados no Brasil, superando os angolanos.

TABELA 1 - REFUGIADOS NO BRASIL, 2014



FONTE: ACNUR

Esse aumento pode ser explicado pela facilidade na emissão do visto de turista válido por 90 dias, e principalmente pela Resolução Normativa nº 17, que concede visto especial por razões humanitárias.

Depois de amparados pelas leis de refúgio brasileiras, os sírios são, em grande maioria, enviados a instituições de caridade para que possam ser orientados no processo de documentação. Algumas das instituições de assistência e integração são a Associação Antônio Vieira (ASAV), a Caritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro (CARJ), a Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), o Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) e o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Porém, essas instituições não possuem condições de oferecer abrigo e comida, e por isso, a ajuda surge da própria comunidade síria já estabelecida no país (LACERDA; SILVA; NUNES, 2015).

Um dos benefícios que os imigrantes podem solicitar ao governo brasileiro é o recebimento do Bolsa Família, um auxílio financeiro às famílias mais pobres para que o direito à alimentação, educação e saúde seja assegurado. Há também a oferta de cursos de língua portuguesa do governo, assim como capacitação profissional e assessoria para alocação em postos de trabalho (LACERDA; SILVA; NUNES; 2015).

Pode-se afirmar que um dos maiores empecilhos do imigrante sírio no Brasil é a língua, o que faz com que muitos deles não garantam bons empregos, “(...)

fazendo com que muitos sírios acabem conformando-se com vidas miseráveis, esperando por ajudas humanitárias ou subempregos, até mesmo aqueles que possuem ensino médio ou superior” (LACERDA; SILVA; NUNES, 2015, p. 112).

3 LIVRO-REPORTAGEM

Como produto deste Trabalho de Conclusão de Curso escolhemos o livro-reportagem, suporte que se justifica de acordo com seu conceito e função enquanto, de acordo com Edvaldo Pereira Lima na obra *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (1993), subsistema do jornalismo:

Basicamente, a função que o livro-reportagem exerce, apesar de matizes particulares, procede, essencialmente, do jornalismo como um todo. Os recursos técnicos com que essa função é desempenhada provém do jornalismo. E o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, jornalista. (...) Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo. (LIMA, 1993, p. 20).

O jornalismo não é uma ferramenta apenas para reproduzir acontecimentos, deixando registrado na história e divulgando para a população (LIMA, 1993). “Na verdade, essa ação realiza-se carregada de uma intenção, de uma complexa rede de fatores que condicionam a maneira como a notícia ou a reportagem ‘enxerga’ o mundo” (LIMA, 1993, p. 11).

Mesmo sendo parte do mundo do jornalismo, o livro-reportagem, no entanto, possui uma autonomia própria que garante abrir portas para experimentações que são impossíveis na imprensa regular e tradicional (LIMA, 1993). Dessa forma, Lima define o suporte como um canal extensor do jornalismo cotidiano, tendo em vista que é um veículo que, na maioria das vezes, “cumprir um papel infinitamente mais ambicioso do que a simples reprodução de matéria publicada em jornal ou revista” (LIMA, 1993, p. 11).

Em outra obra, *O que é livro-reportagem* (1993), Lima ainda analisa a carência que existe no jornalismo atual que dá oportunidade à elaboração dos livros-reportagem, frente a necessidade da produção e espaço para as reportagens que são, de acordo com o autor, “a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 1993, p.24).

Como explica o jornalista, a maior parte da produção jornalística contemporânea acontece de acordo com os interesses das grandes empresas que regem o setor comunicacional, que são “cobrir várias áreas de interesse, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informação e uniformizam a forma como se elaboram as mensagens” (LIMA, 1993,

p. 12), sempre com o objetivo de atingir o maior número de leitores. A consequência disso é uma produção de notícias bastante industrializada, já que é literalmente uma produção em massa de informações que precisam ser disseminadas o quanto antes.

Essa correria que então envolve o jornalismo, diminuindo o espaço disponível e o tempo possível de produção para cada assunto tratado em particular, somado ao nítido interesse dessas mesmas empresas em separar um grande espaço para as mensagens publicitárias (LIMA, 1993) resultam em uma área e tempo de produção menor para a reportagem, “bem como para a sua versão por excelência, que é a grande reportagem” (LIMA, 1993, p. 12).

A alternativa, conclui Lima, é a elaboração dos livros-reportagem, que desempenham “um papel específico, de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 1993, p. 15).

Além disso, o livro-reportagem possui carta branca em relação a características bastante consagradas do jornalismo tradicional, sendo um deles o preceito de que o produto jornalístico só deve tratar do que é atual (LIMA, 1993). “Em muitos casos, a atualidade de que trata a imprensa é efêmera, desliza rapidamente para o esquecimento, cheirando a frivolidade” (LIMA, 1993, p. 13), conseqüentemente colocando muitas vezes a imprensa em um patamar de superficialidade pela população, observa Lima¹¹.

No lugar da atualidade com que trabalha as *hard news*, o jornalismo de profundidade deve focar em ler a contemporaneidade, “um conceito muito mais elástico do tempo presente, que transcende o meramente atual” (LIMA, 1993, p. 20) para atentar ao que não se deu apenas hoje ou ontem e, de qualquer forma, é de interesse social.

De um lado, [o livro-reportagem] amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 07).

De acordo com Lima, o livro-reportagem, quanto à função que exerce como

11 “Para a imprensa tradicional, esse mergulho no passado é trabalho para a história, não para o jornalismo. Por se recusar muitas vezes a esse resgate do tempo histórico, a reportagem fica mutilada no esforço de trazer explicações para o presente.” (LIMA, 1993, p. 13)

meio de comunicação:

(...) vai da informação simples, que apenas localiza certos temas para o leitor, à jornada de grande profundidade em complexos temas contemporâneos, fazendo-a passar por ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações e figuras humanas. O objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. Isto é, considera tudo como parte de um conjunto interligado onde dinâmicas interações acontecem, mostrando que a realidade é múltipla, multidimensional. (LIMA, 1993, p. 28).

Segundo Belo (2006), no entanto, mesmo a reportagem em livro tendo diferenças claras quando comparada ao modelo praticado pela imprensa tradicional, a rigor é “apenas uma reportagem, passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação” (BELO, 2006, p. 41). Contrastando, de certa forma, com o que é defendido por Edvaldo Pereira Lima, levando em consideração as características aqui já citadas que envolvem as *hard news*.

O livro-reportagem, desta forma, não deve ser visto como um suporte que substitui algum meio de comunicação, mas sim como um meio que complementa a todos (BELO, 2006). De acordo com Belo, “é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto” (BELO, 2006, p. 41), além de representar a mídia mais rica em relação às possibilidades de experimentação, aprofundamento da abordagem, uso da técnica jornalística e construção da narrativa.

Em síntese, o livro-reportagem existe basicamente para “estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional” (LIMA, 1993, p. 16).

3.1 CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM

Edvaldo Pereira Lima (1993) define três condições essenciais que diferem o livro-reportagem das demais publicações que são categorizadas como livro. Em primeiro lugar, o tema abordado no livro deve corresponder ao real e factual, portanto são fundamentais a veracidade e a verossimilhança.

A linguagem, edição de texto e montagem do livro-reportagem têm caráter jornalístico, portanto são utilizadas as particularidades específicas do jornalismo, mas com maior flexibilidade de tratamento. E, também, o livro-reportagem pode ter várias finalidades que fazem jus ao jornalismo, como informar, orientar e explicar, de forma que existam diferentes funções, como opinativo, interpretativo e investigativo.

Além disso, segundo Lima, há também formas de diferenciar os livros-reportagem entre si. Levando em conta o objetivo específico do livro e a natureza do tema tratado na obra como fatores, o autor propõe treze segmentos: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

Os que encontramos com maior facilidade, no entanto, são o perfil, que procura evidenciar um personagem, concentrando-se principalmente no lado humano do escolhido em questão; o depoimento, formato que recria um acontecimento que tenha relevância social pela visão de um participante ou testemunha privilegiada.

Há também o livro-reportagem retrato, modelo que foca em uma região, um setor da sociedade ou um segmento da atividade econômica, com o real intuito de elaborar um retrato; o história, em que o objeto escolhido faz parte do passado, mas com um elemento que o conecta com o presente, permitindo que o leitor se identifique.

O atualidade, que aborda um tema atual, mas que ainda não teve seus desdobramentos finais; o antologia, que reúne várias reportagens podendo ter em comum um tema, um autor ou um gênero jornalístico; e o denúncia, que tem propósito investigativo e pretende chamar atenção para injustiças cometidas em qualquer setor social.

O livro-reportagem também se distingue das demais produções jornalísticas de acordo com a elaboração da pauta¹², devido à possibilidade de ser mais abrangente e não estar limitado aos temas de interesse das *hard news*. A pauta “nasce mais solta na forma de livro porque o autor normalmente não se encontra preso à periodicidade que escraviza o ritmo de trabalho nas grandes redações” (LIMA, 1993, p. 35).

Segundo classificação de Lima, são algumas liberdades que a pauta do livro-

12 A pauta pode ser considerada o roteiro da produção jornalística, em que são apontados todos os aspectos que serão abordados para o bom andamento do desenvolvimento do produto final.

reportagem possui que garantem isso. A autonomia na produção assegura que a liberdade temática e de angulação garantam a oportunidade de se explorar temas que não têm espaço na mídia tradicional, e proporciona que a visão do autor tenha espaço no livro. O jornalista tem liberdade de escrever da forma que lhe convém enquanto autor da obra.

A escolha de fontes é livre, não existe um prazo estipulado e portanto o jornalista tem a chance de ouvir as mais diversas vozes, sendo essa a liberdade de fontes. Sem a necessidade de compromisso com a atualidade, o livro-reportagem permite que seja explorada uma janela mais ampla de tempo, podendo englobar com autonomia a contemporaneidade, ou seja, liberdade temporal.

A liberdade do eixo de abordagem possibilita que o livro retrate situações e questões que contextualizam o tema, é a flexibilidade de ter a chance de abordar pontos mais profundos do objeto escolhido que determinam os acontecimentos. E, juntando tudo o que nos é permitido fazer e trabalhar no livro-reportagem, está a liberdade de propósito, que garante maior compreensão do leitor, já que sua produção permite que o jornalista esclareça em profundidade o que envolve o assunto principal.

3.2 CONTEXTO DO LIVRO-REPORTAGEM

Segundo Eduardo Belo (2006), o livro-reportagem não tem uma data de nascimento definida e, antes mesmo do conceito começar a ser utilizado nos meios acadêmicos e profissionais, muitas narrativas de não-ficção já eram publicadas - partindo do princípio que o jornalismo é um instrumento informativo para a sociedade, mesmo que através de relatos de viagens.

No entanto, podemos dar atenção especial à Europa do século XIX para pensar a origem do que hoje chamamos de livro-reportagem, época em que “a reportagem em livro começou a ganhar força como subgênero da literatura.” (BELO, 2006, P. 19).

A Europa investia cada vez mais em um jornalismo próximo à literatura – diferente dos Estados Unidos, onde se fortalecia o jornalismo informativo. O estilo se consolidava devido principalmente ao jornalismo popular que, levando em conta a elevação do nível educacional da classe operária, era a vertente que produzia notícias com “uso de vários temperos, muitos deles usados no romance popular,

para dar sabor às narrativas” (BELO, 2006, p. 20), ajudando os jornais a aprender a contar histórias. A reportagem e a grande reportagem começam, assim, a ganhar mais prestígio.

Os repórteres europeus, então já acostumados a criar narrativas como um “desafio de inteligência e compreensão do mundo” (BELO, 2006, p. 21), impulsionaram a mídia europeia a dar um passo grande para “a criação de um mercado produtor e consumidor de livros - em que os princípios do jornalismo analítico e intelectualizado ganham ainda mais consistência” (BELO, 2006, p. 21).

A produção jornalística europeia ganha objetividade, dando chances para as produções das primeiras reportagens que realmente envolviam o interesse da população como um todo, como exemplo as questões sociais. Dessa forma, os repórteres ganham liberdade de tratar sobre temas até então, como explica Belo, deixados em segundo plano.

Antes de essas condições estarem completamente em vigor, a produção jornalística – ou “parajornalística” - em livro limitava-se a registros de viagens ou narrativas dos conquistadores das colônias européias mundo afora. Até por força da visão dominadora do Velho Continente, esses relatos guardavam muito pouco compromisso com a objetividade que caracterizaria a prática da reportagem a partir do século XIX, principalmente em sua segunda metade.. (BELO, 2006, p. 21).

De acordo com o jornalista e pesquisador Jorge Pedro Sousa (2008), no entanto, há registros datados já do século XVI em que o livro protagoniza como um suporte jornalístico, conhecido como livro noticioso, que ele caracteriza como “um novo fenômeno pré-jornalístico” do período.

Os livros e opúsculos noticiosos diferem das folhas volantes e de outras publicações noticiosas ocasionais monotemáticas (1) no volume de páginas e de informações, (2) na diversidade de notícias, (3) na periodicidade mais ou menos definida (anual e semestral) e (4) na existência de um título que denominava todas as sucessivas edições. Os livros noticiosos são, portanto, mais diversificados nos conteúdos e estilos do que as folhas volantes e outras publicações noticiosas ocasionais monotemáticas, agrupando quer notícias “sérias” e com valor histórico, quer notícias “populares” e “sensacionalistas”. (SOUSA, 2008, p. 73)

Considerando a definição do livro noticioso e distinção das demais publicações com caráter jornalístico da época, segundo Sousa, enxerga-se a semelhança com os livros-reportagem que conhecemos. Levando em conta algumas das principais características desse formato – já apresentadas no capítulo –, como

abordar temas não necessariamente atuais e com maior profundidade e detalhes do que, na grande maioria das vezes, é possível em uma matéria da imprensa tradicional, tendo em vista o tempo de produção e espaço de publicação que são concedidos aos jornalistas.

É difícil, portanto, definir quando o livro-reportagem de fato se originou, como afirma Belo. Podemos compreender, no entanto, seu surgimento de forma fácil e didática. Como explica o jornalista Edvaldo Pereira Lima (1993), o livro-reportagem advém de outra modalidade, por assim dizer, do jornalismo: a própria reportagem, que surge “visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance” (LIMA, 1993, p. 24).

Ainda de acordo com Lima, quando esse patamar é alcançado com maior amplitude, têm-se a grande reportagem, “aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto” (LIMA, 1993, p. 24). A notícia é reportagem, portanto, quando há maior aprofundamento e detalhamento do tema, e é a partir dessa necessidade em maior escala que o livro-reportagem se vê de fato nascer no jornalismo.

Ao decorrer do século XIX e XX, o jornalismo mais duro, seco e informativo norte-americano - no qual se assemelha também o jornalismo brasileiro, foi ganhando mudanças significativas e o jornalismo literário - que será abordado no próximo capítulo - foi adotado por muitos jornalistas, de forma que alguns dos principais livros-reportagem tidos como modelos do gênero são do continente.

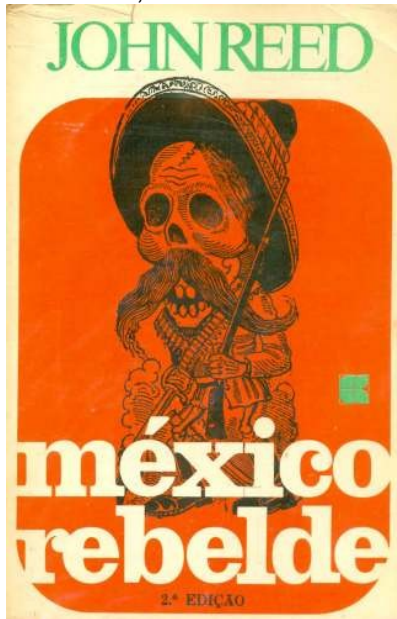
A começar pelas obras “México rebelde”¹³ (1914) e “Dez dias que abalaram o mundo”¹⁴ (1919) do jornalista John Reed, “apontado por diferentes estudiosos da comunicação como um dos precursores do chamado jornalismo literário e pai do livro-reportagem moderno” (BELO, 2006, p. 22). Outra obra que teve indiscutível impacto no jornalismo foi o livro-reportagem “Hiroshima”, de John Hersey, repórter do *The New Yorker* na época. A reportagem era de tamanha excelência que acabou ocupando toda a edição de 31 de Agosto de 1946 da revista e, mais tarde, foi transformada em livro-reportagem¹⁵.

13 A obra trata sobre a rebelião liderada por Pancho Villa no México. Reed foi convidado pelo jornal Metropolitan (EUA) para acompanhar e cobrir o acontecimento, foi sua primeira grande experiência como repórter de guerra. É traduzida no português também como “México Insurgente”.

14 Reed faz uma minuciosa descrição da Revolução Russa de 1917, sendo um dos mais famosos relatos sobre a revolução comunista. É considerado por estudiosos da comunicação o ponto de partida da grande reportagem no jornalismo moderno.

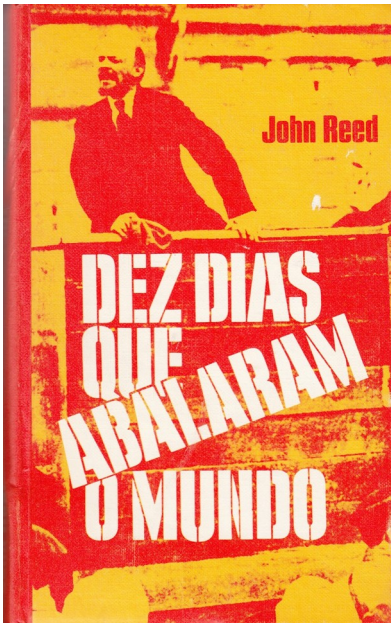
15 Quarenta anos depois, o jornalista voltou ao Japão para entrevistar novamente suas

FIGURA 6 - "MÉXICO REBELDE", DE JOHN REED



FONTE: LIVRO "MÉXICO REBELDE"

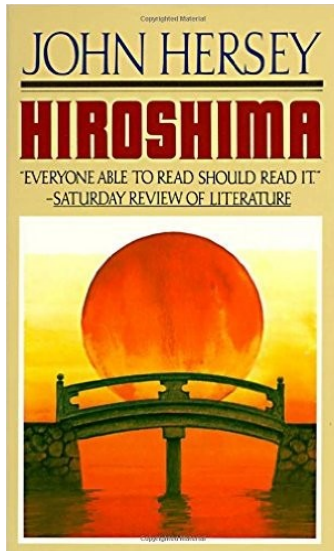
FIGURA 7 - "DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO", DE JOHN REED



FONTE: LIVRO "DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO"

personagens-fonte. Assim Hersey lançou uma segunda versão do livro, adicionando como viviam os sobreviventes depois de tanto tempo e como se desdobraram suas histórias. "É apontada por especialistas do mundo todo como a melhor reportagem da história" (BELO, 2006, p. 24)..

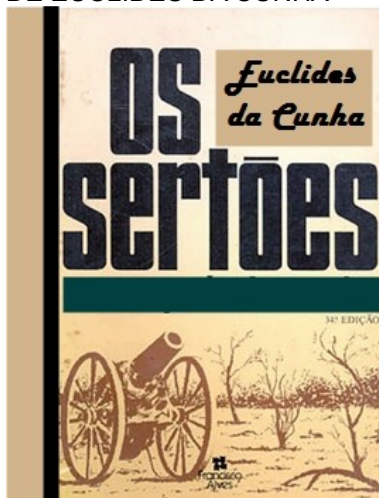
FIGURA 8 - “HIROSHIMA”,
DE JOHN HERSEY



FONTE: LIVRO “HIROSHIMA”

No Brasil, também temos grandes referências de livros-reportagem que podem ser considerados precursores do gênero no país. “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha, obra que nasceu de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos, produzida para o jornal O Estado de S. Paulo, e as obras dos correspondentes de guerra da Segunda Guerra Mundial “Com a FEB na Itália” (1945), de Rubem Braga, e “O inverno da guerra”, escrito por Joel Silveira.

FIGURA 9 - “OS SERTÕES”,
DE EUCLIDES DA CUNHA



FONTE: LIVRO “OS SERTÕES”

FIGURA 10 - “O INVERNO DA GUERRA”, DE JOEL SILVEIRA



FONTE: LIVRO “O INVERNO DA GUERRA”

Outras obras brasileiras do gênero bastante conhecidas são *Olga* (1985), de Fernando Morais; *Xingu: uma flecha no coração* (1985), do jornalista Washington Novaes; *1968 – O ano que não terminou: a aventura de uma geração* (1988), escrito por Zuenir Ventura. Além dos livros-reportagem do jornalista Caco Barcellos *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta* (2003) e o já citado *Rota 66* (1992).

4 JORNALISMO LITERÁRIO

O livro-reportagem é um produto que faz parte da vertente do jornalismo literário. É dado para esse gênero mais de um conceito e, conseqüentemente, suas origens são interpretadas de formas diferentes pelos estudiosos do assunto. As características deste termo podem ser observadas no produto jornalístico deste TCC, estilo que foi adotado para contar a história de famílias de refugiados sírios em Curitiba.

Segundo o autor Felipe Pena (2006), no livro “Jornalismo Literário”, o conceito do termo é muito mais amplo do que meramente contrariar as regras do jornalismo *hard news*, ou de produzir um texto com uma vertente mais literária em um livro-reportagem. De acordo com Pena, significa “...potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2006, p. 13), além de fugir da fórmula do *lead*¹⁶ e procurar dar mais visibilidade ao cidadão comum no momento da escolha das fontes.

Para que se possa realmente elucidar o que é e como é feito esse tipo de jornalismo, Pena desenvolve cada uma dessas características no que ele chama de “estrela de sete pontas”, sete itens importantes que formam um “conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela” (PENA, 2006, p. 13). A primeira ponta é a potencialização dos recursos do jornalismo, que se baseia na ideia de que o jornalista literário não deve ignorar os princípios que aprendeu no jornalismo diário, como a apuração precisa, a observação atenta e a clareza ao se expressar. Deve ser feito um desenvolvimento dessas estratégias.

O segundo item é a ultrapassagem dos limites dos acontecimentos cotidianos, ou seja, o jornalista não precisa se preocupar com o *deadline* ou com a novidade, uma vez que a periodicidade e a atualidade não são mais necessários. O acontecimento abordado deve ir além do simples consumo da notícia, deve proporcionar uma visão ampla do fato - compromisso que caracteriza a terceira ponta da estrela do autor.

16 Felipe Pena define o *lead* como uma estratégia criada no começo do século XX por jornalistas americanos com o intuito de atribuir objetividade à imprensa. Essa estratégia cria uma certa cientificidade nos jornais, amenizando a subjetividade que o jornalista pode transmitir. No primeiro parágrafo da reportagem, o autor responde a seis questões: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?

Felipe Pena admite que toda abordagem de um jornalista será apenas um recorte, uma interpretação. O que é desejável no jornalismo literário é a maior contextualização possível. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens, e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2006, p. 14).

O quarto aspecto que caracteriza o jornalismo literário é o exercício da cidadania. Na escolha do tema é necessário pensar em como a abordagem influenciará positivamente a formação do cidadão e da solidariedade. Esse item em especial pode ser verificado de forma bastante clara no tema proposto para o livro-reportagem em formato *e-book* “Diálogos com Aleppo”, produto deste TCC.

A quinta ponta da estrela é a fuga da fórmula do *lead*. Não é mais necessário responder as seis questões básicas do jornalismo diário de primeira. Essa técnica dá espaço à aplicação de práticas literárias.

O penúltimo item é a sugestão de evitar os “definidores primários, os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa” (PENA, 2006, p.15). Pena explica que, pela falta de tempo nas redações, os jornalistas acabam procurando sempre as mesmas fontes oficiais. Neste ponto o autor propõe criar alternativas para que seja possível ouvir o cidadão comum e os pontos de vista que não são geralmente abordados.

O sétimo e último ponto destacado pelo jornalista é a perenidade. Diante das diretrizes do jornalismo literário, um produto desta vertente não pode ser efêmera. “Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência” (PENA, 2006, p. 15).

Pena pontua que tais características são colocadas em prática por jornalistas que pretendem fugir do espaço reduzido da mídia tradicional, e investem na maior liberdade proporcionada pela literatura atrelada ao jornalismo.

Tal liberdade traz a possibilidade do uso de recursos narrativos variados na construção de um texto de jornalismo literário, característica que não pode ser observada nas redações. Edvaldo Pereira Lima afirma que, para envolver o leitor,

(...) os autores devem utilizar os mais diferentes artifícios de construção de texto, de modo de que haja variação do ritmo narrativo, mudança de certas características de estilo, alterações do ponto de vista – da perspectiva sob

a qual o tema em foco está sendo tratado em seu texto – e assim por diante, fazendo uso de uma variada bateria de recursos disponíveis. Tudo para que sua mensagem seja fluente, capaz de captar e manter o interesse do leitor, do princípio ao fim. (PEREIRA LIMA, 1993, p. 43).

4.1 A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO

Para visualizar a origem da confluência entre o Jornalismo e a Literatura, devemos dar atenção especial à Europa do século XIX, como já foi abordado no capítulo “2.2 Contexto do livro-reportagem”. Pode-se considerar que, nessa época, os jornalistas que eram editores, cronistas e autores de folhetins, produziam Jornalismo Literário. Pena aponta também que existem autores que englobam no conceito do gênero as críticas de obras literárias veiculadas em jornais, assim como as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística.

O autor Eduardo Belo (2006) descreve os sentidos pelos quais o jornalismo europeu sempre foi bastante diferente do norte-americano. No século XIX, a profissão era tida como uma atividade intelectual e política, sendo que na Europa, o modelo jornalístico exercido era menos factual e mais autoral e opinativo. Nos EUA, o emprego da pirâmide invertida (prática de enumerar os fatos por ordem decrescente de importância) e do *lead*, prevaleceu nas redações do país, diferentemente do que era feito no continente europeu.

O toque mais literário nas notícias produzidas na Europa pode ser atribuído ao jornalismo popular, indústria cultural consolidada pelo crescimento do nível educacional da classe operária europeia. Um exemplo, são os tabloides britânicos. “Trata-se de um caso à parte, mas mesmo assim seu receituário prescreve o uso de vários temperos, muitos deles usados no romance popular, para dar sabor às narrativas” (BELO, 2006, p. 20). O autor afirma que essa herança cultural afetou positivamente os hábitos de escrita e de leitura dos europeus, ajudando os jornais e revistas a contar histórias de um modo particular. Segundo Belo, esse modo do jornalista europeu é mais intelectualizado do que simplesmente reproduzir declarações.

Já nos Estados Unidos, o caráter mais informativo pode ser percebido desde o surgimento da *Penny Press*, a partir de 1833. Essas publicações tinham como principais características o preço acessível e o destaque maior à notícia do que à opinião. Segundo Schudson (1981), a direção estabelecida pelos *penny papers* foi a

da independência política dos periódicos.

Belo (2006) salienta que a Segunda Guerra também deve ser apontada como responsável por afetar o modo de se fazer jornalismo. O autor afirma que historiadores e estudiosos da mídia defendem a teoria de que o *lead* começou a ser utilizado durante a guerra para que o trabalho dos correspondentes fosse mais fácil.

Como as transmissões por telégrafo eram caras e instáveis – não havia nenhuma garantia de que o repórter conseguiria passar todo o texto antes de uma quase inevitável queda de conexão –, estabeleceu-se que o primeiro parágrafo de cada despacho tinha de conter os elementos essenciais da notícia. (BELO, 2006, p. 22).

Para traçar um quadro evolutivo da história da imprensa e demarcar com precisão a influência da literatura na área, Felipe Pena cita a classificação do teórico de comunicação Ciro Marcondes Filho, no livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos* (2000). Existem cinco épocas distintas do jornalismo. A primeira, a “Pré-história”, começa em 1631 e vai até 1789. É marcada pela economia elementar, produção artesanal com forma similar ao livro.

O “Primeiro Jornalismo” abrange o período entre 1789 e 1830. Há conteúdo literário e político e a área é comandada por escritores, políticos e intelectuais. Diferente do “Segundo Jornalismo”, de 1830 a 1900, que é marcado pelo início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens, manchetes e o uso da publicidade.

O “Terceiro Jornalismo” é marcada pelas grandes tiragens e pela monopolização de grupos editoriais, de 1900 a 1960. De 1960 até os dias atuais, o “Quarto Jornalismo” é caracterizado pela informação eletrônica e interativa, crise da imprensa escrita, velocidade de transmissão da notícia e mudanças das funções do jornalista.

Tendo como base a classificação de Marcondes Filho, é possível verificar a influência da literatura nas épocas do primeiro e do segundo jornalismo. Felipe Pena explica que escritores de prestígio descobriram, nessa época, a força do novo espaço público. Uma das principais ferramentas desses autores foi o folhetim, estilo discursivo que merece atenção para definir o início da união entre jornalismo e literatura.

O termo francês *feuilleton* não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. Quando apareceu pela primeira vez, no *Jornal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mas a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular, principalmente na França e na Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante. (PENA, 2006, p. 29).

O conteúdo das obras publicadas nesse formato, que pode ser classificado como um herdeiro do romance realista, expressava a necessidade de conhecer a “nova ordem social vigente”, e por isso, a junção com o jornalismo atendeu satisfatoriamente essa demanda. O folhetim ilustrava com realismo e emoção a condição humana e a vida cotidiana, e dessa forma se aproximava da prática jornalística. Felipe Pena relata que a linguagem utilizada nos folhetins era simples e acessível, pelo fato de que as publicações eram dirigidas para um público vasto, de todas as classes. “Além disso, para facilitar a compreensão, eram utilizados recursos de homogeneização cultural, como estereótipos, clichês e estratégias correlatas” (PENA, 2006, p. 29).

Uma das estratégias utilizadas pelos autores de folhetim para prender o leitor era o chamado *plot*, o ponto de virada do roteiro. Assim como é possível verificar nas telenovelas atuais, as histórias eram interrompidas no momento mais dramático, que só seria resolvido na edição seguinte. Felipe Pena ressalta que, apesar do uso dessas estratégias, a qualidade literária não era baixa. O autor lembra que escritores de folhetins como Victor Hugo (autor de *Os Miseráveis*) e Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*) ficaram consagrados na história da literatura universal.

No Brasil, grandes escritores do século XIX passaram por jornais, como Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompeia, Aloísio de Azevedo e Visconde de Taunay. Todavia, segundo Pena, o primeiro autor a tomar o rumo do folhetim foi o escritor da obra “Memórias de um sargento de milícias”, Manuel Antônio de Almeida, publicada em 1852 no *Correio Mercantil*. Alguns anos mais tarde, em 1897, Euclides da Cunha retratou, em formato de crônicas, a Guerra de Canudos para o jornal *Estado de S. Paulo*. A coletânea dessas crônicas deu origem ao livro *Os Sertões*, publicado em 1902.

“Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos, mas os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária”. (PENA, 2006, p.

32).

4.2 NEW JOURNALISM

Quando se fala em jornalismo literário, não é possível deixar de mencionar o *New Journalism*, ou o Novo Jornalismo. Na década de 60, nos Estados Unidos, acontecia uma grande revolução cultural, tanto na sociedade como um todo, como no mundo jornalístico. Foi o auge de uma “contracultura”:

Entre a contracultura como expressão social e histórica e o new journalism como fenômeno estético literário existem bem mais coisas em comum do que apenas uma coincidência cronológica. A contracultura nasce do desencanto em relação ao american way of life a partir do pós-guerra nos EUA. O new journalism é um fenômeno que, por um lado, diz respeito à emergência da chamada imprensa underground nos EUA na década de 60 e, por outro, a uma forma de enxerto e hibridização de jornalismo e literatura forjada por autores como Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, Hunter Thompson, entre outros. Ambos os fenômenos, dentro dos entornos que lhes são peculiares, construirão nas leituras que os recuperam a partir da história como grandes momentos, seja de um reencantamento da experiência do mundo, seja de uma forma de escritura singular que se propôs a narrar esse momento. (DEMETRIO, 2007, p. 74).

Tom Wolfe pode ser considerado como um dos principais autores precursores do gênero que estreitou mais ainda a relação entre o jornalismo e a literatura. O autor escreveu o manifesto do gênero em 1973. Porém, segundo Wolfe, a intenção dele e dos autores que fazem parte do movimento não era criar um “novo” jornalismo:

Duvido que a maioria dos craques que vou exaltar neste texto tenham entrado para o jornalismo com a mais remota ideia de criar um “novo” jornalismo, um jornalismo “superior”, ou mesmo uma variedade ligeiramente melhorada. Sei que eles nunca sonharam que nada que fossem escrever para jornais e revistas provocasse tamanho torvelinho no mundo literário. (WOLFE, 1973, p. 9).

Wolfe desconhece a origem da expressão “Novo Jornalismo”, mas recorda-se da utilização do termo em maior escala no final do ano de 1966. “(...) havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade” (WOLFE, 1973, p. 41).

Tom Wolfe assinala quatro recursos básicos do Novo Jornalismo, que Felipe Pena relembra em sua obra: 1) Reconstruir a história cena a cena. 2) Registrar

diálogos completos. 3) Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens. 4) Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Os dois primeiros recursos são utilizados como uma técnica para envolver mais o leitor. Wolfe afirma que, já tem sido demonstrado em estudos acadêmicos que o “diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 1973, p. 54).

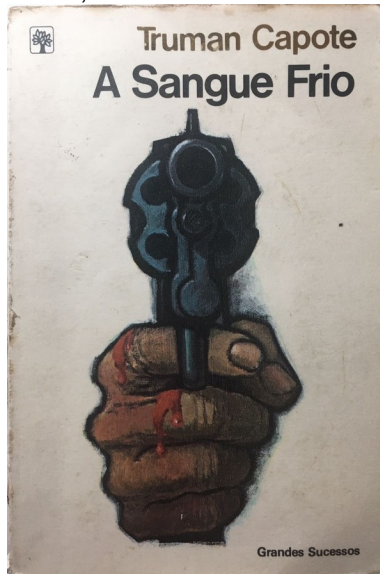
O terceiro recurso do Novo Jornalismo, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens, é a técnica de dar a sensação ao leitor de estar dentro da cabeça do personagem, fazendo-o experimentar a realidade emocional da cena.

O quarto e último recurso é o registo dos hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Segundo Wolfe, o registo desses detalhes é essencial:

Ele [o registro] se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura. É a própria essência do poder de “atração” de Balzac, por exemplo. Balzac mal usava qualquer ponto de vista no sentido refinado em que Henry James usou mais tarde. E mesmo assim o leitor sai sentindo que esteve ainda mais completamente “dentro” dos personagens de Balzac que dos personagens de James. (...) Balzac vai empilhando esses detalhes tão impiedosamente e, ao mesmo tempo, tão meticulosamente - no Balzac do final é difícil um detalhe deixar de iluminar algum ponto de status - que dispara as lembranças que o leitor possui de seu próprio status de vida, de suas ambições, inseguranças, prazeres, desastres (...) (WOLFE, 1973, p. 55).

Uma obra que pode ser considerada como uma antecipação do gênero foi a já citada “Hiroshima”, de John Hersey, publicada antes mesmo do manifesto de Wolfe. Em 1966, veio a publicação do livro “A Sangue Frio”, de Truman Capote. Publicado originalmente em quatro edições da *The New Yorker*, a matéria contava a história de uma chacina no interior do Kansas, nos EUA. O jornalista passou seis anos apurando o caso e recolhendo informações para a reportagem que depois viraria um livro. O sucesso impulsionou o movimento que estava sendo desenvolvido por Wolfe (PENA, 2006).

FIGURA 11 - “A SANGUE FRIO”, DE TRUMAN CAPOTE



FONTE: LIVRO “A SANGUE FRIO”

Uma vertente inserida no *New Journalism* é o Jornalismo Gonzo. Foi criado por Hunter S. Thompson, repórter da revista *Rolling Stone*, que se tornou ícone da contracultura norte-americana. Felipe Pena o define como um “envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo o que for narrado é a partir da visão do jornalista” (PENA, 2006, p. 57). São utilizados também o sarcasmo, exageros e a opinião nessa vertente. O *Gonzo Journalism* pode ser observado em edições das revistas: *Playboy*, *Rolling Stone*, *San Francisco Chronicle*, *Esquire*, *Vanity Fair*, entre outras.

No que se trata de movimentos e tendências atuais do Novo Jornalismo, é importante citar o *New New Journalism*, movimento norte-americano que utiliza o adjetivo duas vezes. Felipe Pena afirma que os integrantes dessa nova vertente se identificam pelas estratégias de apuração e não mais por uma linguagem específica. “O Novo Jornalismo Novo explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. (...) O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2006, p. 60).

O autor explica que os adeptos dessa corrente querem desempenhar um papel mais político do que literário, tendo mais importâncias estratégias de imersão na matéria do que a elegância estilística.

5 E-BOOK

A tecnologia hoje está presente em grande parte das nossas vidas, se não em todas, e interfere direta e indiretamente em nossos projetos sociais, profissionais ou familiares. Embarcando nessa globalização tecnológica estão também os livros digitais, que conquistam cada vez mais espaço no mercado editorial e protagonizam uma evolução no que diz a respeito de leitores e acesso aos diferentes tipos de material literário.

A definição de *e-book* é bastante simples, uma abreviação do termo em inglês *eletronic book*, que significa, em seu sentido mais literal, livro em formato digital. É considerado *e-book* qualquer versão em formato digital de uma publicação originalmente impressa, ou lançada apenas através e para plataformas digitais.

O primeiro indício de ideia da criação de um livro eletrônico foi dado por Vannevar Bush, em 1945 (BUFREM; SILVA, 2001). Diretor do Escritório de Pesquisas e Desenvolvimento dos Estados Unidos, Bush descreveu o Memex em seu ensaio *As we may think*, que seria o suporte para o armazenamento de livros, registros e comunicações.

Alguns anos depois, em 1968, o cientista norte-americano Allan Kay previu que, por volta de 1990, surgiria o que ele denominou de *Dynabook*, ou livro dinâmico, muito semelhante aos *e-readers* disponíveis no mercado atual. Ele o descreve como uma

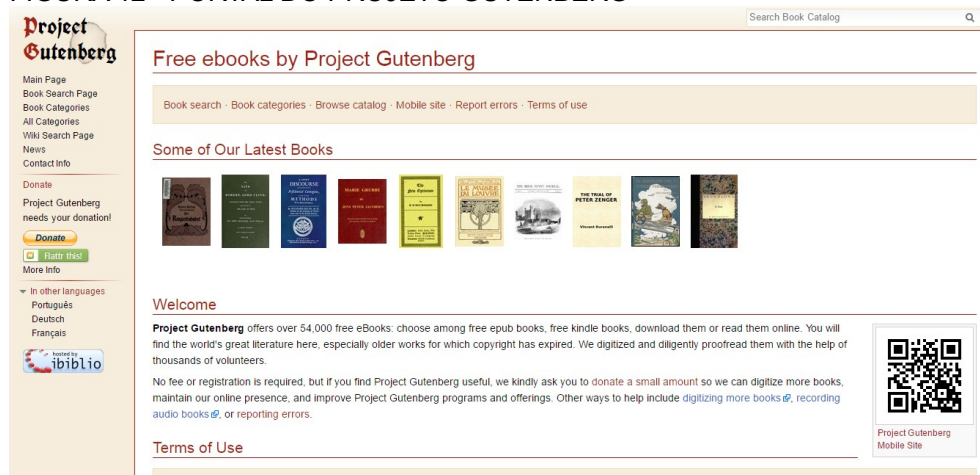
(...) espécie de computador portátil, de baixo consumo de energia, com o tamanho e aspecto de um livro, com duas telas em forma de páginas, com textos e ilustrações, em cores, e legibilidade perfeita, igual às de um livro impresso. Pressionando-se uma tecla ou encostando o dedo nas páginas, o leitor provocaria um “virar de páginas” eletrônico, permitindo avançar ou recuar no texto. Uma gigantesca capacidade interna de memória, e pequenos cartuchos removíveis garantiriam, uma biblioteca eletrônica inesgotável, com milhares de livros à disposição do feliz possuidor de tal maravilha. (BUFREM; SILVA, 2001, p. 3).

Considerando o início da transição de materiais impressos ao digital, devemos levar em conta o Projeto Gutenberg como pioneiro. Criado em 1971 por Michael Stern Hart com o objetivo de divulgar de forma gratuita milhares de obras para que exista a possibilidade de disseminar conhecimento e também haver transmissão de cultura entre todos (COUTINHO; PESTANA, 2015), o Projeto Gutenberg foi a primeira biblioteca digital do mundo.

A ideia de criar uma coleção eletrônica para abranger diversos tipos de livros e, dessa forma, atingir o mais diversificado público possível, justifica-se por Hart: “a maior valência criada pelos computadores não seria a computação mas o armazenamento, a recuperação e a pesquisa daquilo que estava armazenado nas nossas bibliotecas” (PROJETO GUTENBERG, 2013). Atualmente, a coleção disponibilizada por Hart possui mais de 38 mil livros eletrônicos, além de outros mais de 100 mil títulos divulgados por parceiros (COUTINHO; PESTANA, 2015).

Até 1989 os textos eram inseridos manualmente, o que fez com que o ritmo de entradas de documentos fosse muito mais lento do que é hoje. Essa data coincide com a melhoria dos *scanners* de imagem e de *software* de reconhecimento ótico de caracteres e, conseqüentemente, da maior utilização dessa tecnologia, que tornou a digitalização de livros mais praticável. Os textos estão disponíveis em vários formatos, como HTML, PDF, ePUB, MOBI e Plucker, daí falar-se na universalidade e na abrangência do projeto. (COUTINHO; PESTANA, 2015, p. 171).

FIGURA 12 - PORTAL DO PROJETO GUTENBERG



FONTE: PROJETO GUTENBERG

Hart e seu pioneirismo no modelo de negócio editorial digital com o Projeto Gutenberg foi fundamental para a transformação do mercado editorial, abrindo portas, dessa forma, para o surgimento dos *e-books*. O primeiro livro digital com fins comerciais, no entanto, apareceu apenas dez anos depois da ação de Hart. A editora Random House publicou, em 1981, um dicionário em formato digital. Outro marco para a história dos *e-books* foi o lançamento do livro em formato eletrônico de Theodor Nelson, *Literary Machines*, no mesmo ano.

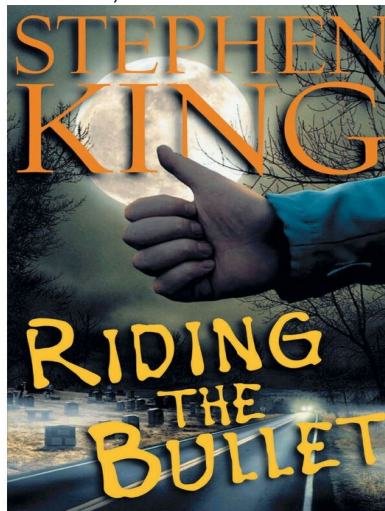
Nelson é considerado um dos pioneiros das tecnologias de informação,

sendo o criador dos termos hipertexto, hipermídia, ou virtualidade. Nesta obra, ele aborda o tema da Internet, do que ela poderia trazer de novo e quais seriam as mais-valias resultantes do seu aparecimento. (COUTINHO; PESTANA, 2015, p. 171).

A obra *Afternoon* (1987), de Michael Joyce, também tem grande importância quando se fala em pioneirismo dos *e-books* já que é considerada a primeira em hipertexto. “Trata-se de um gênero inserido na literatura eletrônica, que se caracteriza pela sobreposição de narrativas com que o leitor se depara, “clicando” em hiperligações ao longo da leitura da história (JOHNSON, 2013; apud COUTINHO; PESTANA, 2015, p. 172). O livro foi distribuído em disquete para os leitores.

Em 2000, é lançado *Riding the Bullet*, de Stephen King, considerado o primeiro e-book vendido em massa mundialmente. A publicação da obra de Stephen King alavancou o mercado editorial digital e abriu portas para que outros escritores se interessassem pela publicação de *ebooks*.

FIGURA 13 - “RIDING THE BULLET”, DE STEPHEN KING



FONTE: ACERVO KINDLE AMAZON

Atualmente, o mercado dos *ebooks* tem aumentado. Segundo pesquisa encomendada pela Câmara Brasileira do Livro, entre 2014 e 2015, o número de publicações digitais aumentou em 4,2%. O faturamento foi de R\$ 20,44 milhões, valor 21% superior ao registrado em 2014¹⁷.

¹⁷ Disponível em:

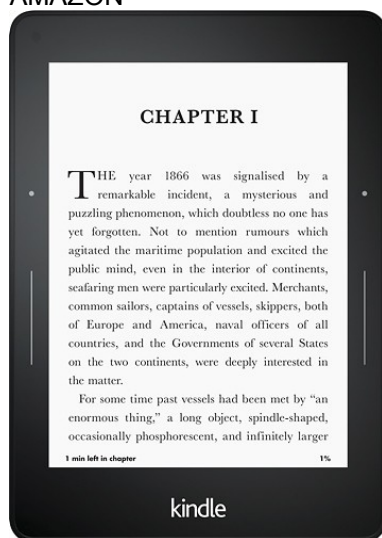
<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1759174-mercado-de-livros-digitais-nao-decola->

5.1 AS VANTAGENS DO E-BOOK E SEUS SUPORTES

Os aparelhos mais importantes que são utilizados como suporte para *ebooks* são quatro: o Sony Reader da Sony, o Kindle da Amazon, o Nook da Barnes & Noble e o Kobo. Pode-se afirmar que a principal vantagem desses *e-readers* é a tecnologia *e-ink*, a tinta eletrônica. Diferente do que acontece em *tablets*, *smartphones* ou computadores, a *e-ink* não emite luz, o que torna a leitura mais próxima da leitura em papel impresso.

Coutinho e Pestana listam as vantagens dessa tecnologia em três tópicos. A primeira seria a redução do esforço dos olhos para ler o papel impresso, pelo fato da exposição a luz intensa. A segunda é a economia ao poupar papel, recurso cada vez mais escasso. E a terceira seria a autonomia do dispositivo, uma vez que a energia só é consumida na mudança de página, não no momento da leitura em si.

FIGURA 14 - MODELO KINDLE VOYAGE DA AMAZON



FONTE: ACERVO AMAZON

Os autores afirmam que milhões de pessoas leem ou já leram *e-books* e dão preferência para esse formato ao impresso. As principais vantagens para o editor adotar o formato digital, segundo Coutinho e Pestana, são as seguintes: a poupança de custos de produção e de distribuição, uma vez que não é necessário ser feita a impressão; e a facilidade de edição, para corrigir erros ou acrescentar informações.

As vantagens para o leitor, são, principalmente: maior comodidade, uma vez

no-brasil-e-estagna-nos-eua-e-europa.shtml . Acessado em 11/04/2017.

que o indivíduo não precisa se deslocar para uma livraria para ter acesso ao livro; poupança de dinheiro, pois um *eBook* é entre 30% a 70% mais barato que a versão impressa (COUTINHO; PESTANA, 2015); interatividade, pelo fato da conexão *Wi-Fi*; poupança de espaço físico e maior portabilidade.

6 PRODUTO

6.1 CONCEPÇÃO DO TEMA

A ideia de desenvolver um livro-reportagem sobre refugiados sírios que vivem em Curitiba surgiu dentro da disciplina de Redação Jornalística III, ministrada pela docente Myrian Del Vecchio. Com a proposta de fomentar nosso faro e escrita para o jornalismo literário, o objetivo era criar o projeto de um livro-reportagem e produzir um dos capítulos. Junto com a colega Gabriele Tres Maniezo, éramos três cabeças analisando e procurando um tema de relevância social.

A mídia, focada em transmitir as histórias dos refugiados haitianos que vivem no Brasil, números que não pararam de aumentar desde 2010, e a companhia de um refugiado sírio durante doze horas em uma viagem de ônibus, nos deram uma solução. Mesmo com notícias sendo veiculadas sobre os sírios que buscavam refúgio em nosso país de uma guerra que devastava o país deles, sentimos a carência de histórias sobre o tema e decidimos abraçá-lo.

Conhecemos pessoas que se transformaram em personagens pelas nossas mãos, que despertaram nosso interesse sobre a história dos conflitos que se estendiam pelo território sírio, nos explicaram o cenário político pelas suas visões e humanizaram uma questão que enxergávamos de forma bastante distante. Enfim, descobrimos suas histórias e verdades e colocamos no papel.

Nosso capítulo estava concluído e entregue. No entanto, sentimos a necessidade de continuar, de poder escrever mais, saber mais, dar ainda mais voz e espaço para essas pessoas. Assim, decidimos que, vista a indiscutível importância do tema – considerando todo o contexto sobre a Guerra Civil Síria apresentado neste estudo – e de tornar essas histórias públicas – mesmo que dentro da nossa própria Universidade, poderíamos e deveríamos sim seguir com este trabalho, que abriu nossos olhos e nos fez perceber que algo que parece estar tão longe da realidade em que vivemos, na verdade está bem próximo.

Dessa forma, surgiu o nosso Trabalho de Conclusão de Curso, com um produto sobre e para os refugiados sírios que hoje vivem no Brasil, especificamente em Curitiba.

6.2 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

Os caminhos seguidos para a produção do livro-reportagem foram tomados visando elaboração de um produto condizente e harmonioso com o tema escolhido. A começar pela escolha das fontes, essenciais para que este projeto se tornasse possível. Decidimos por prosseguir com a ideia inicial, apresentada anteriormente, de desenvolver o livro a partir do relato de mais de uma fonte, com o objetivo do produto final ficar em sua melhor forma. Considerando o melhor aproveitamento de todo o tema, tendo em vista que, com mais histórias, temos mais informações para trabalhar, criando também um maior campo empático do leitor com o assunto abordado.

Os personagens apresentados no livro-reportagem são cinco: o missionário Karim Hanna, a estudante Lucia Loxca, a designer Myria Tokmaji, o padre Samaan Nasri e Maher Jarrah, dono de um restaurante. Chegar até essas fontes foi uma tarefa que precisou de apoio de conhecidos, que nos auxiliaram com indicações. Levando em consideração a delicadeza do tema, alguns possíveis personagens negaram participar deste projeto, com receio da exposição e de falar sob a condição de refugiado.

Dessa forma, nossa escolha de fontes foi baseada na disposição dos refugiados que se sentiram confiantes e confortáveis em nos ajudar, além da fluência em português, um dos principais desafios para encontrar personagens (no final, com a dificuldade em encontrar um número suficiente de pessoas para participar da produção do produto, entrevistamos um refugiado que ainda não entende por completo nossa língua, mas se mostrou muito solícito em ajudar).

No entanto, nosso objetivo passou a ser encontrar quem chegou ao Brasil da cidade de Aleppo, para criar um vínculo em comum entre as histórias – que não fosse simplesmente a guerra em si. Mesmo assim, buscamos focar em personalidades bastante distintas, como será possível perceber durante a leitura do livro-reportagem. Com relação aos personagens já entrevistados para a produção do trabalho de redação citado acima, marcamos novos encontros com a finalidade de conseguir atualizar as histórias.

Para tornar as entrevistas mais confortáveis possível, nossas fontes foram quem escolheram os lugares de encontro. Além disso, tomamos bastante cuidado ao conduzir a conversa, de forma que não fosse sensacionalista e abusada. Assim, não

focamos nas histórias tristes como principal objetivo de estarmos ali, nos concentramos com eles nas histórias de superação e boas memórias.

Para a elaboração do livro-reportagem, dividimos as histórias de Karim, Lucia, Myria, Samaan e Maher em cinco capítulos, conforme suas histórias pessoais, decidimos montar um capítulo para cada personagem. A proposta inicial era a construção do produto através de perfis. No entanto, com o decorrer do processo de produção, o modelo depoimento ganhou mais espaço, tendo em vista o resultado final desejado.

Segundo as definições de Edvaldo Pereira Lima, já apresentadas no presente estudo, o perfil procura evidenciar um personagem de interesse concentrando-se principalmente em seu lado humano e o depoimento recria um acontecimento de relevância social pela visão de um participante ou testemunha privilegiada. Assim considerado, podemos confirmar que os capítulos foram escritos de forma que misturam os dois estilos, evidenciando características de ambos.

Um dos principais desafios na produção foi com a repetição de histórias. Tomamos muito cuidado para não escrever cinco histórias iguais. Assim, escolhemos aspectos únicos e característicos de cada um dos protagonistas para destacar em seus respectivos capítulos. Procuramos não tratar sempre sobre os mesmos assuntos durante as entrevistas, justamente para explorarmos perspectivas e enfoques diferenciados com cada fonte. Os capítulos foram pensados de maneira a envolver os leitores com as vidas dos cinco refugiados em Curitiba, com objetivo de criar empatia, quebrar pré-conceitos e evidenciar histórias que muitas vezes, senão sempre, passam despercebidas.

Por fim, a escolha do nome do produto, “Diálogos com Aleppo”, busca transmitir o vínculo entre as cinco histórias contadas no livro. A cidade de Aleppo é uma das particularidades em comum entre todos os personagens, e visamos dar destaque ao fato. E para a elaboração do *e-book* em si, utilizamos uma plataforma digital online, que se mostra mais acessível e simples de manusear, uma vez que considerada a maior facilidade em ter acesso à internet a ter acesso a um aparelho de leitura digital, como a exemplo o Kindle. Desta forma, também tivemos a chance de utilizar os elementos multimídia - fotos, vídeos e áudios - para aproximar ainda mais o leitor com os personagens.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2011, a Síria começou a entrar para as tristes estatísticas de guerra. Enquanto a história se desenrola, milhões de cidadãos sírios foram e ainda são obrigados a deixar seus lares e partir para um país novo, com culturas diferentes e idiomas estranhos, e muitas vezes ainda precisam se separar da família. Dos destinos para onde vão, países do próprio Oriente Médio e principalmente países europeus, o maior país em extensão da América Latina pode ser o mais estranho ao primeiro olhar do migrante sírio, dos pequenos costumes à língua.

O desafio é a adaptação, e nosso objetivo com a produção do livro-reportagem “Diálogos com Aleppo”, é mostrar isso. As dificuldades, certamente, são incontáveis. No entanto, visamos aqui apresentar as histórias dos nossos cinco personagens, Samaan, Myria, Maher, Lucia e Karim, como de fato são: histórias de superação. Através deste projeto, descobrimos como o migrante refugiado é desamparado de políticas públicas no Brasil, e como isso é emocionalmente desgastante para eles. Mas descobrimos, também, a força e coragem que as pessoas têm nesses momentos para conseguir reconstruir uma vida do zero.

Ao longo da realização deste livro-reportagem, identificamos e colhemos os frutos de um jornalismo que não acontece todo dia. Tivemos a chance de exercer nossa mais plena cidadania com um jornalismo real, potencializando todos os recursos que aprendemos durante a graduação, proporcionando uma visão muito mais ampla de uma realidade que desconhecemos como comunidade e ultrapassando aqueles limites impostos pelo cotidiano. Em “Diálogos com Aleppo”, contextualizamos as histórias da melhor forma possível, sempre buscando detalhar seus relatos.

A produção de um livro-reportagem sobre as histórias de vida desses cinco refugiados que moram em Curitiba, é uma maneira de garantir a perenidade do tema e dessas memórias, que jamais devem e podem ser esquecidos. Além de ser uma forma de influenciar positivamente a formação do cidadão e da solidariedade, como sabemos que o jornalismo literário deve fazer. E através deste produto, conseguimos alcançar a permanência e a marca dessas histórias. Nos foi permitido descobrir e desvendar pontos de vista, opiniões, visões de mundo e concepções de certo e errado que não teríamos a chance de descobrir com a produção de uma notícia factual do jornalismo diário.

REFERÊNCIAS

AYDOS, Mariana. BAENINGER, Rosana. DOMINGUEZ, Juliana Arantes. **Condições de Vida da População Refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares**. 2008.

ANDRADE, George Bronzeado de. **A guerra civil Síria e a condição dos refugiados: um antigo problema, "reinventado" pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional**. 2011.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BLANC, Claudio. **Guia Guerras do Mundo Atual**. Editora On Line, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=P829CwAAQBAJ&pg=PA1962&dq=guerra+civil+s%C3%ADria+artigos&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjYw8zr6d_PAhVKkZAKHau0CsYQ6AEIJzAC#v=onepage&q=guerra%20civil%20s%C3%ADria%20artigos&f=false>. Acessado em 10/08/16.

CAVALCANTI, Klester. **Dias de Inferno na Síria**. São Paulo: Benvirá, 2012.

COUTINHO, Pedro; PESTANA, Olívia. **eBOOKS: evolução, características e novas problemáticas para o mercado editorial**. Porto: Páginas a&b, 2015. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79418/2/117647.pdf>>. Acessado em 02/03/17.

DEMETRIO, Silvio Ricardo. **Por um jornalismo contracultural: Linhas de fuga no new-journalism**. 2007.

HELLER, Reginaldo Jonas. **Notícia como arma de guerra**. 2014.

HELLER, Reginaldo Jonas. **O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria**. 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem?**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. LOCAL E EDITORA, 1993.

LOWY, Michael. **Ideologia e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. 1991.

LACERDA, Jan Marcel de A. F.. SILVA, Amanda Arruda de S.. NUNES, Rayanne Vieira G.. **O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea**. 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Editora Contexto, 2006.

PEREIRA, Ariane Carla. **Os discursos no discurso do livro-reportagem**.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. 2013.

SANTOS, Sofia José. **À lupa: A Guerra na Síria**. 2014.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a Notícia**. Editora Vozes, 2010.

SILVA, Giana Mara Seniskz; BUFREM, Leilah Santiago. **Livro eletrônico: A evolução de uma idéia**. 2001.

SHINAR, Dov. **Reflexões sobre cobertura de guerras pela mídia**. 2013.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Companhia das letras, 1963.

{Sites}

SANCHA, Natalia. **Um guia para entender quem é quem no complexo conflito da Síria**. 2016. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/25/internacional/1453739657_964290.html?

rel=mas>. Acessado em 11/08/16.

Entenda: quem luta contra quem na Síria. 2015. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg>.

Acessado em 11/08/16.

LOUREIRO GABRIELA. **Como vivem os refugiados sírios no Brasil.** Disponível

em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/como-vivem-os-refugiados-sirios-no-brasil/>>.

Acessado em 02/10/16.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Disponível em:

<<http://www.acnur.org/portugues/>>.

Entenda a ‘mini guerra mundial’ que ocorre na Síria. 2016. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg>.

Acessado em 11/08/16.

Casa de refugiados recebe imigrantes sírios em Curitiba. 2015. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/casa-de-refugiados-recebe-imigrantes-sirios-em-curitiba-dh25hbro3akwg86bro4gayr4m>>. Acessado em 14/08/16.

{Filmes}

EINSIEDEL, Orlando von. **Os capacetes brancos**, 2016, Reino Unido, 40 min.

Disponível em:

<[https://www.netflix.com/watch/80101827?](https://www.netflix.com/watch/80101827?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C16647f81cf5aaf94f7b0d8cdf191d84b814bc068%3A7ffb9ff9dd2fb8ab7dfa64cef3e6cd8cad71d3f)

[trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C16647f81cf5aaf94f7b0d8cdf191d84b814bc068](https://www.netflix.com/watch/80101827?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C16647f81cf5aaf94f7b0d8cdf191d84b814bc068%3A7ffb9ff9dd2fb8ab7dfa64cef3e6cd8cad71d3f)

[%3A7ffb9ff9dd2fb8ab7dfa64cef3e6cd8cad71d3f](https://www.netflix.com/watch/80101827?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2C16647f81cf5aaf94f7b0d8cdf191d84b814bc068%3A7ffb9ff9dd2fb8ab7dfa64cef3e6cd8cad71d3f)>. Acessado em 13/02/17.

CHAIM, Gabriel. **Síria em Fuga**, 2015, Síria, 45 min.